

**Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango
Proposta de Harmonização de Grafia**

Francisco Chitali Cassinda Vicente

**Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão
de Informação de Especialidade**

Lisboa, Maio de 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

DECLARAÇÃO

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O Candidato,

Francisco Chitali Cassinda Vicente

Lisboa, Maio de 2015

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada
em provas públicas.

A Orientadora

Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Lisboa, Maio de 2015

À

Minha inefável esposa,

Berta Kahundo

Com inesgotável amor, carinho e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Segundo a expressão, em Língua Ngangela, “*Kwatoko na mukweny, lika lyove Tyihenga*” – “a união faz a força” (o homem não consegue viver sem orientação, acompanhamento, ajuda e apoio de outrem: “não levante o objecto pesado sozinho não conseguirás”).

Agradeço eternamente a minha orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Rijo, que com muita paciência orientou o meu trabalho, à Professora Doutora Maria Rute Vilhena Costa, à Professora Doutora Raquel Alves Silva, a Professora Doutora Maria Fernandes Homem de Sousa Lobo Gonçalves, a Doutora Ana Paula Henriques (UCAN), ao Doutor Correia Caetano (MAT), ao Professor Doutor Nafilo Dóris Macaya (UMN), ao Mestre em Ciências Emmanuel Piedoso Sachilombo, ao Mestre Inácio José Samba, ao Professor Doutor José Funete (EFP K.K), Professor Doutor Miguel Kanhime (DPE K.K).

À minha família, Pascoal Bento Vicente “meu pai” (de eterna memória), Lúcia Wimbo Vicente “minha mãe” (de eterna memória), José Marcelino Vicente, Jorge Cassamba Vicente, Cecília Imaculada da Conceição Vicente, Maurícia Wimbo Vicente, Clementina Kawape, Luís dos Santos Vicente, Epifânia Amélia M. Vicente, Franberto João M. Vicente, Agnelo José Pedro Sandeleya Vicente (de eterna memória), Franklin Cahundo Vicente (de eterna memória), José Pedro Sandeleya, Amélia Mendes, Domingos Piloto, Raimundo Penhaforth, à família Vieira (Rosa, Luana, Romário, Vandércio e Wamy) pelo incentivo incondicional.

Aos meus amigos e colegas, Dr. Pires Panzo Kanga, Dr. Nelson Bala, Dr. Modesto Kausakanekwa, Dr. José Januário Katombela, Dra. Lúcia Gonzaga, Dr. Virgílio Kasonha, Dra. Marlene Fernando, Dra. Claudeth Fernando, Dr. Eliseu Herculano, Dr. Rodrigues Luciano, Mestre Bernardo Menezes Kesongo, Domingos Tyilinge Júnior (compadre), Abel Katimba (compadre), Engenheiro Miguel Sakalui.

Aos administradores, Martins Domingos Júnior Ndala Samakaka (Dirico), Dr. Afonso Ndala (Dirico), José Jonas Kapoyoyo (Tuny, Xamavera – Dirico), João Paulo Kambinda (Mucusso – Dirico), Joaquim Sapalalo Tyimangata (Dirico), Adriano Tyingango (Xamavera – Dirico).

Aos reis, Makanga Likolo (dos Kalihonda – Dirico, Kalay), Avelina Kandjimi “Mutango” III (dos Sâmyus, Kalay), Bartolomeu Kayunde Mukena (dos Mbukushu - Mucusso).

Aos regedores e sobas, Kavela XIII, Maroshi, Samuel Likua Mbonge, José Makanga, Marcos Ukushe.

Ao ancião, José Kativa e a todos quanto directa ou indirectamente fizeram com que este momento fosse um facto, serei eternamente grato.

SIGLAS, ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

AFI – Alfabeto Fonético Internacional

Art.º - Artigo

C.C. – Cuando Cubango

CTT – Correios, Telégrafos e Telefones

K.K. – Kuando Kubango, Kwandu Kuvangu, Kwandu Okavango

M.A.T. – Ministério da Administração do Território

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

CPLP – Comunidade de Países de Língua Portuguesa

FENACULT – Feira Nacional da Cultura

Vol. - Volume

RESUMO

Fazendo jus à *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*, na sua secção III, artigos 31º, 32º, 33º e 34º referentes à “Onomástica”, “todas as comunidades linguísticas têm direito a preservar e usar em todos os domínios e ocasiões, o seu sistema onomástico, a fazer uso dos topónimos na língua própria do território, tanto no que respeita às utilizações orais e escritas, como nos domínios privados, públicos e oficiais, direito a fixar, preservar e rever a toponímia autóctone sem poder ser suprimida, alterada ou adaptada arbitrariamente, nem substituída em caso de mudança de conjuntura política ou outra, direito a designarem-se a si próprias na sua língua, conseqüentemente, qualquer tradução para outras línguas deve evitar denominações confusas ou pejorativas [...]”.

Este trabalho, tem por objecto os desfasamentos existentes na toponímia angolana, em geral, e na toponímia do “Cuando Cubango”, em particular, vem propor uma harmonização de grafia dos topónimos dos Municípios e Comunas da província supra citada, considerando a valorização da identidade cultural.

Palavras-chave: Topónimos, Gentílicos, Onomástica, Lexicologia e Lexicografia.

ABSTRACT

True to the *Universal Declaration of Linguistic rights* in his section III, articles 31st 32nd 33nd and 34th regarding “Onomastics”, “all linguistic communities have the right to preserve and use in all fields and occasions, your name day systems, to make use of place names in own language of the territory, with regard both oral and written uses, ad in the private, public and official domains, right to establish, preserve and book autotone toponymy unable to be deleted , changed or adapted arbitrarily or replaced in case of change of con hollow political or other, right to appoint to themselves in their language, consequently, other languages should avoid confusing or pejorative denominations [...]”.

This work, taking into account the existing gaps in Angolan toponymy “Quando Cubango”, in particular, proposes one spelling for place names and their gentile considering the value of cultural identity.

Key words : Toponymy, Gentilic, Onomastics, Lexicology, Lexicography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa de Africa subsariana	16
Figura 2 Mapa de Angola	14
Figura 3 Mapa de Menongue	15
Figura 4 Grupos Étnicos de Angola	16
Figura 5 Placa - Bem-vindos a Menongue	70
Figura 6 Placa Caiundo, Savate e Caíla	71
Figura 7 Placa EN 280	71
Figura 8 Placa EN 140	72
Figura 9 Placa EN140 e EN280	73
Figura 10 Okavango River	73
Figura 11 Placa sede do Jamba Cueio 37 km	74

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS	7
1.1 Lexicologia e Lexicografia	8
1.2 Toponímia	9
1.3 Gentílicos	10
CAPÍTULO II - CARACTERIZAÇÃO GEOLINGUÍSTICA DO CUANDO CUBANGO	12
2.1 Descrição etnolinguística do Cuando Cubango	13
2.1.1 Mosaico linguístico do Cuando Cubango	13
2.2 A Língua Ngangela	18
2.2.1 Alfabeto da Língua Ngangela	19
2.3. Línguas angolanas de origem africana e alfabeto fonético internacional	22
2.4 Acordo Ortográfico: a realidade angolana	22
2.5 Problemas na Toponímia da região	23
2.6 Desvios da Identidade Toponímica	25
2.7 Classificação taxonómica dos topónimos	28
2.8 Importância da Toponímia	30
2.9 Importância dos Gentílicos	31
CAPÍTULO III DESCRIÇÃO DE TOPÓNIMOS E GENTÍLICOS	31
3.1 Corpus de topónimos: análise e descrição	33
3.2 Classificação dos Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango	48
3.3 Índice de frequência dos topónimos	51
3.4 Caracterização Morfossemântica dos topónimos	52
3.5 Metodologia da recolha dos Topónimos e Gentílicos	54
3.6 Proposta de harmonização de grafia dos topónimos	55
3.7 Proposta de harmonização de grafia dos gentílicos	57
3.7.1 No contexto da Língua Ngangela	57
3.7.2 No contexto da Língua Portuguesa	58
3.8 Base de Dados Lexicográfico–Toponímica e Gentílica	59
3.8.1 Concepção e Utilidade da Base de Dados	61

4 CONCLUSÃO	62
5 BIBLIOGRAFIA	64
5.1 Bibliografia Geral	65
5.2 Dicionários	69
6 ANEXOS	70

INTRODUÇÃO

0.1. A Toponímia faz parte da identidade cultural de um povo e de um país. As línguas angolanas de origem africana das quais fazem parte as línguas do sudeste de Angola da região do Cuando Cubango permaneceram durante muito tempo ágrafas, e como nos revela a máxima latina, “*verba volant, scripta manent*” (as palavras voam, a escrita permanece). Por essa razão, em Angola, muitos topónimos mantiveram até aos nossos dias uma grafia aportuguesada; a colonização, assim como outros casos de subordinação política, económica ou social implicam frequentemente a imposição directa de uma língua estrangeira ou a distorção da percepção do valor das línguas; por esse motivo, as línguas de alguns povos que acederam, recentemente, à soberania, confrontam-se com um processo de substituição toponímica decorrente de uma política que favorece as línguas autóctones, como é o nosso caso concreto.

Como forma de organização político-administrativa, os colonizadores tiveram que mapear as ruas, as aldeias, os bairros, as vilas, as cidades e as províncias para uma gestão eficaz do território.

Actualmente, as línguas angolanas de origem africana que eram ágrafas já podem ser grafadas; conseqüentemente, os topónimos podem ser grafados na sua língua vernácula. Por isso, no nosso trabalho, apresentamos uma “Proposta de Harmonização de Grafia dos Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango”; é uma proposta e não uma imposição, nem uma substituição de topónimos; porquanto são muitas as implicações que podem resultar desta proposta.

Este trabalho está dividido em três capítulos; depois da *Introdução*, o *Capítulo I “Fundamentos Teóricos”* faz uma abordagem teórica dos conceitos de Onomástica, de Lexicologia e Lexicografia; no *Capítulo II – Caracterização Geolinguística do Cuando Cubango*, apresentamos as características geográficas de Angola, os desvios

da identidade toponímica e as dificuldades no mosaico linguístico do Cuando Cubango.

O *Capítulo III* tem por objecto a descrição e o tratamento dos topónimos e gentílicos integrados no *corpus de topónimos*, recolhidos para o efeito; apresentamos também uma Base de dados Lexicográfico-Toponímica e Gentílica. A conclusão contém os resultados do trabalho e propõe algumas recomendações. Por último, apresentamos a bibliografia consultada e os anexos.

0.2. Objectivo do trabalho

O objectivo deste trabalho é elaborar uma proposta de Harmonização de grafia dos Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango, valorizando a identidade cultural.

A toponímia de Angola, em geral, e do Cuando Cubango, em particular, constitui um percurso histórico incompleto, existindo muitas objecções por parte dos tradicionalistas e dos académicos contemporâneos. Por isso, queremos com este trabalho dar início a uma nova era na história da toponímia do Cuando Cubango.

Pretendemos elaborar uma base de dados lexicográfico-toponímica e gentílica que deverá servir de apoio às administrações locais para uma gestão de qualidade dos dados toponímicos e gentílicos.

0.3. Motivação da escolha do tema

A nossa preferência em escolher uma “Proposta de Harmonização de Grafia dos Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango” é motivada pelo Projecto interministerial da República de Angola em que participa o MAT (Ministério da Administração do Território) vocacionado para a divisão político-administrativa da República de Angola que orienta a grafia dos nomes de Províncias, Municípios, Comunas e Povoações; esta grafia nem sempre interpreta o verdadeiro

significado, tendo em conta os aspectos culturais e etnolinguísticos específicos de cada região do país.

Conquistaram-se avanços em vários sectores da vida social, política, militar e económica, em Angola, desde a Independência até ao final da guerra civil, e a consequente conquista da paz no ano de 2002; mas nunca se pensou na toponímia, pois a existente, legalmente data da era colonial, tendo a restante sido atribuída arbitrariamente ou de forma irregular por populares que viviam, por vezes, em aglomerados de refugiados na época de guerra. Assim, existe um desfasamento na escrita dos topónimos.

A falta de informação sobre a Lei Ortográfica Nacional fez com que ao longo dos tempos as pessoas escrevessem os topónimos arbitrariamente. Por exemplo, como a província do Cuando Cubango foi palco de grandes batalhas, apelidaram-na de “K. K” (“as terras do fim do mundo, onde só há entrada e não há saída”). E como se tem dito que o hábito faz lei, os habitantes foram escrevendo o nome da referida província assim: “Kuando Kubango”. No entanto, as instituições do Estado, como o Ministério da Justiça emite bilhetes de identidade com “Quando Cubango” ou “C.C” para dizer que o cidadão é natural da província do “Quando Cubango”.

Na escola que constitui o paradigma da escrita correcta, muitas vezes encontramos professores e alunos que escrevem o topónimo Cuando Cubango com “C C”, mas outros com “K.K” num contexto português.

Assim, segundo o Ministério de Justiça os topónimos em Português são grafados da seguinte forma: “Quando Cubango, Calai, Cuangar, Cuito Cuanavale”, mas na língua Ngangela e nas suas variantes, tendo em conta o alfabeto da mesma escrevem-se: “Kwandu Kuvangu, Kwangare, Kalay, Kwitu Kwanavale.

No que concerne os gentílicos, em Português, são os seguintes: “Quando Cubanguense” para o natural do Cuando Cubango, “Cuito Cuanavalense” para o natural do Cuito Cuanavale. No contexto da língua da região e das suas variantes diz-se: “muka Kwandu Kuvangu” para o natural do Cuando Cubango, “muka kwitu kwanavale” para o natural do Cuito Cuanavale e assim sucessivamente; o afixo *muka* indica o gentílico.

0.4. Delimitação da área de conhecimento

A Toponímia faz parte da Onomástica e tem por objecto o estudo dos nomes próprios de lugares; envolve uma pesquisa em torno de origem destes nomes e dos seus processos de denominação sofridos ao longo do tempo em relação a línguas ou dialectos. A Onomástica como ciência é considerada uma parte da Linguística que possui fortes ligações com a História e com a Geografia; nela encontramos também a Antroponímia.

Pretendemos estudar a toponímia da província do Cuando Cubango e dos nove municípios da referida província e vinte e uma comunas, perfazendo um total de vinte e nove topónimos. Ao lado de um topónimo existe um gentílico; por isso, neste trabalho, cada topónimo apresenta, em paralelo, um gentílico.

A província do Cuando Cubango constitui a segunda maior província de Angola, em termos de extensão ou superfície territorial, com aproximadamente duzentos mil quilómetros quadrados, não obstante isso, percorremos muitos quilómetros para a recolha dos topónimos que constituíram o corpus de análise deste trabalho.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1. LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

A Lexicologia tem por objecto de estudo o léxico de uma língua segundo aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos, sintácticos e pragmáticos, numa perspectiva diacrónica ou sincrónica, através de um tratamento qualitativo ou quantitativo, descritivo ou aplicado. A Lexicologia estuda também as unidades lexicais com o objectivo de conhecer a competência lexical dos locutores de uma língua. A Lexicologia e a Lexicografia são ramos da Linguística descritiva, mas a Lexicografia é tem um carácter aplicado.

A Lexicografia também tem como objecto de análise, a unidade lexical, mas numa perspectiva de sistematização, processamento e ordenação em forma de dicionários, vocabulários e dicionários especializados. A Lexicografia ocupa-se da elaboração de dicionários a partir de princípios teóricos e metodológicos específicos.

O léxico é um conceito abstracto: é um sistema virtual que engloba o conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o homem não só se expressa, comunica, mas também cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, não só na sua civilização, mas também noutras civilizações (cf. BIDERMAN: 1978).

O léxico faz parte do sistema; por vezes, é designado de “dicionário virtual” de unidades lexicais de uma língua. O léxico global é um conjunto virtual que, num dado momento, está à disposição de uma comunidade; uma parte dessas unidades constitui o léxico individual de cada indivíduo; o vocabulário é actualizado em discurso; o vocabulário activo é utilizado, frequentemente, pelo locutor, nas diferentes situações de comunicação; o vocabulário passivo não é utilizado com muita frequência, mas é conhecido pelo locutor.

Para Cabré (1993:87), uma unidade lexical “é uma unidade descrita por um conjunto de características linguísticas sistemáticas e dotada de propriedade de referência a um elemento da realidade”. A língua geral “compreende tanto as variedades não marcadas como as marcadas” (Cabré 1993:129), incluindo, por isso, as unidades lexicais da língua corrente e das línguas de especialidade.

1.2. TOPONÍMIA

Segundo José Leite de Vasconcellos (1931: 139), “No estudo da Toponímia, podemos ter três secções maiores: nomes de lugares, classificados por línguas; modos de formação toponímica; categorias de nomes, segundo as causas que lhe deram origem (flora, fauna, natureza do solo, história, religião, etc.)”.

A Toponímia encarrega-se do estudo de nome de lugares, levando em consideração a influência e a importância da origem e do processo de evolução da causa das devidas alterações. Os estudos toponímicos estão intimamente ligados às pesquisas históricas, antropológicas e geográficas.

Toponímia é uma palavra de origem grega, e significa, literalmente, nome de um lugar, mas a Toponímia vai para além do estudo de nomes de lugares como: cidades, vilas, municípios, países ou províncias. Encontramos outros ramos que se encarregam do estudo dos nomes de cursos de água, (hidrónimos), estudo específico de nomes de lagos (limnónimos), estudo de nomes de mares e oceanos (talassónimos), estudo de relevos (orónimos) e o estudo das divisões administrativas e de estradas (corónimos).

O significado dos nomes dos lugares mais antigos perdeu-se com o passar do tempo, mas a curiosidade dos povos pelo seu passado comum mantém-se. Ao afirmar-se a identidade colectiva de um lugar é natural que se criem lendas para explicar a razão de ser dos seus nomes.

Para se estudar Toponímia, é necessário ter conhecimento de História, Paleografia, Epigrafia, Arqueologia, Etnologia além de conhecimentos filológicos e dialectológicos. E mesmo assim, há muitas dúvidas que persistem que só a descoberta de novos documentos ou uma melhor interpretação dos já existentes à luz das conquistas mais avançadas da ciência poderão resolver.

Apesar de tais dificuldades, a Toponímia tem sido muito estudada nas últimas décadas, porque se tem revelado preciosa nos mais variados domínios das ciências filológicas e históricas.

Como se determina o significado de um topónimo?

Há dois caminhos fundamentais. O mais importante, mas também o mais demorado e difícil consiste em fazer o levantamento do maior número possível de formas de um topónimo, em documentos antigos, e estabelecer a sua cronologia, mas sem esquecer que os escribas, tabeliães e copistas cometiam erros ou entregavam-se à fantasia da interpretação, sendo alguns documentos de autenticidade duvidosa. Depois é necessário consultar a documentação mais moderna que se encontra em arquivos e repartições. E muitas vezes, as dúvidas suscitadas pelo topónimo obrigam a uma visita ao local: por exemplo, um suposto étimo que indica uma colina, não tem razão de ser num local plano.

O segundo caminho, que é um complemento do primeiro, consiste em estudar o topónimo tal como hoje se escreve e sobretudo como é pronunciado, porque como sublinhou o insigne filólogo Manuel de Paiva Baleó, “a tradição oral é geralmente bastante conservadora” e a ortografia oficial nem sempre está isenta de erros.

1.3. GENTÍLICOS

Os gentílicos, nomes étnicos ou pátrios exprimem procedência ou naturalidade. Há variadíssimas maneiras de os constituir, recorrendo-se à diversidade de sufixos e desinências e muitas vezes, às formas latinas das respectivas localidades.

Não se pode estabelecer uma regra única e rígida, porque o uso e a tradição impõem os seus direitos, forçando até o emprego de vocábulos sem nenhuma analogia mórfica com a denominação das terras ou lugares.

Os gentílicos também são chamados de etnónimos ou adjectivos pátrios (classe de palavras que designam um indivíduo de acordo com o seu local de nascimento ou residência), diferentes dos adjectivos derivados de substantivos relacionados com países, estados, continentes, regiões, províncias, cidades, aldeias, vilas e povoados.

Por vezes, os adjectivos pátrios não seguem um padrão nas suas terminações, como por exemplo em nomes relativos cidades. A maior parte deriva directamente do nome do local, na sua forma corrente, ou então da etimologia toponímica.

Demonstram ausência de padrão os exemplos seguintes: Lisboa: lisboeta, lisbonense, olisiponense; Buenos Aires: bonaerense, buenairense ou portenho; Botswana; swanês; Menongue: menonguense, menonguino.

Os gentílicos são geralmente formados pelo radical ou início do nome que pode ser um continente, país, cidade, região mais uma terminação sob a forma de um sufixo. Temos alguns sufixos mais comuns na formação de gentílicos, em Português:

- aco - polaco, eslovaco
- ano - angolano, namibiano
- ão - alemão, catalão
- ático - asiático
- eiro - brasileiro, mineiro
- ês - português, inglês, francês
- eu - europeu
- ino - londrino, argentino
- ita – israelita
- eta - lisboeta
- ol- espanhol, mongol, etc.

Alguns gentílicos são nomeados independentemente do nome a que estão relacionados, como por exemplo: Espírito Santo (capixaba); Rio de Janeiro (carioca).

Noutros casos, o gentílico é criado ou formado a partir do nome da localidade noutra língua como são os casos de: Jerusalém (hierosolimitano) e Salvador (soteropolitano), sendo ambos gentílicos formados ou criados a partir do nome grego das cidades. Outros derivam do nome do local, mas sem seguir uma regra predeterminada de sufixação como: russo (Rússia); sueco (Suécia); grego (Grécia).

CAPÍTULO II

CARACTERIZAÇÃO GEOLINGUÍSTICA DO CUANDO CUBANGO

2.1. DESCRIÇÃO ETNOLINGUÍSTICA DO CUANDO CUBANGO

O Cuando Cubango é uma das dezoito províncias da República de Angola, situada no sudeste, confinada pelas repúblicas da Zâmbia a leste, da Namíbia a sul, pelas províncias do Bié e Moxico a norte e a oeste pelas províncias do Cunene e da Huila.

Originalmente, Cuando Cubango é o aportuguesamento de “Kwandu Kuvangu” topónimo que na Topogénese entra na classe dos hidrotopónimos uma vez que resulta do nome de dois grandes rios, o “Kwandu” a leste e o “Kuvangu” a oeste, região onde se fixou o povo “Ngangela”. A sua capital é Menongue, topónimo que resulta do aportuguesamento de “Vunonge”, com origem no antropónimo da primeira autoridade tradicional, que reinou por naquela região.

O Cuando Cubango tem uma superfície de 199.049 km², ocupando assim o segundo lugar em termos de dimensão territorial. Tem nove municípios nomeadamente: Calai, Cuangar, Cuchi, Cuito Cuanavale, Dirico, Mavinga, Menongue, Nancova e Rivungo.

2.1.1. MOSAICO LINGUÍSTICO DO CUANDO CUBANGO

O Cuando Cubango é uma província cosmopolita, que tem como língua dominante a Língua Ngangela. O mosaico etnolinguístico do “Quando Cubango” é enorme e riquíssimo, tornando-o complexo quanto à grafia dos topónimos e gentílicos desta região.

A posição geográfica desta região faz com que nela coabitem várias línguas ao ponto de algumas serem “quase” internacionais, porque são faladas no Cuando Cubango (Angola), no Rundu (Namíbia), Zâmbia e Botswana. Muitas delas conquistaram o estatuto de língua nesses países e encontram-se inseridas no sistema

de ensino com um grau de literacia muito avançada; mas para o Cuando Cubango são apenas variantes ou dialectos, tendo em conta o número de falantes.

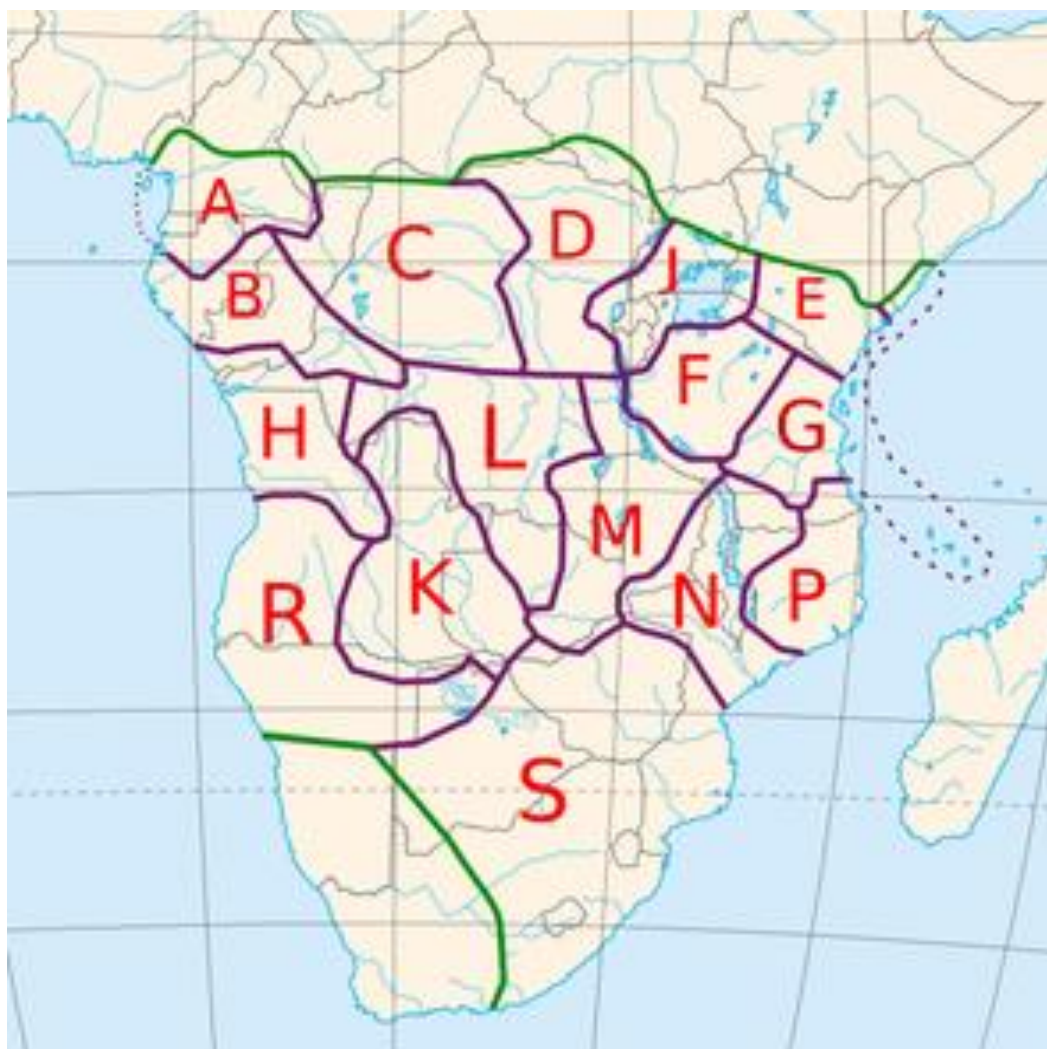


Figura 1 Mapa de África subsariana

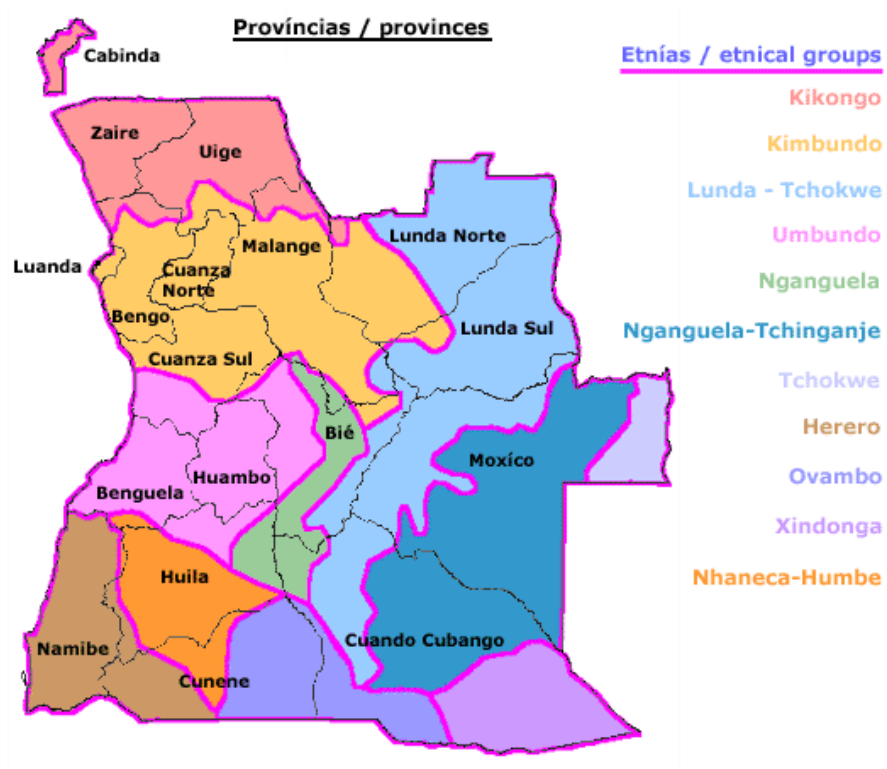


Figura 2 Mapa de Angola : Províncias

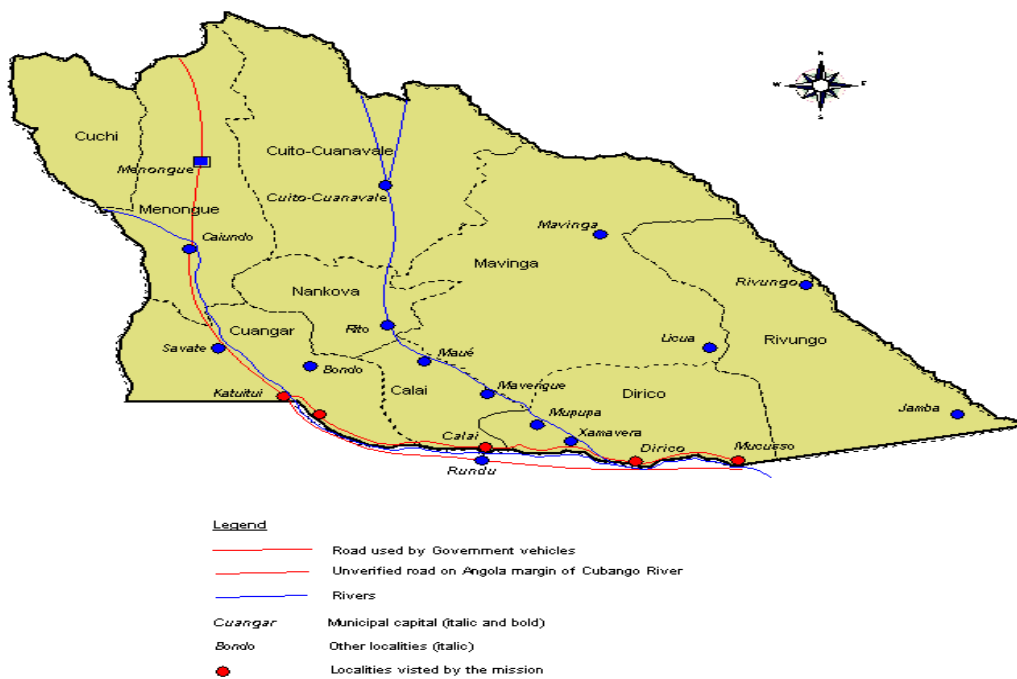


Figura 3 Mapa de Menongue

Grupos étnicos de Angola

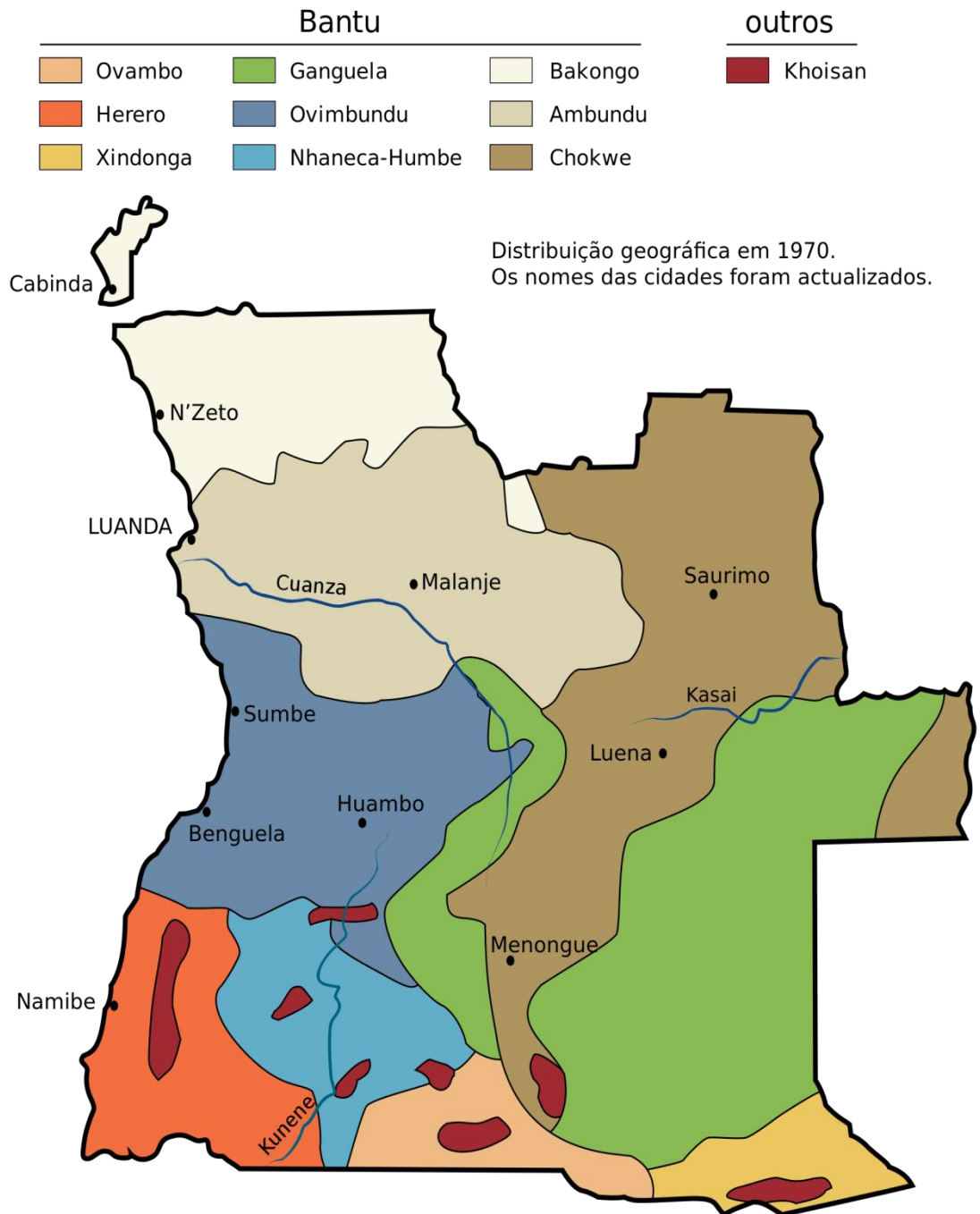


Figura 4 Grupos Étnicos de Angola

Para além da Língua “Ngangela” existem outras línguas como: Cokwe pertencente à zona (K) com o código [cjk], Mbukushu (com nomes alternativos: Cusso, Gova, Kuso, Manbukushu, Thimbukushu), pertencente à zona (K) com o código [mhw]. Esta língua dá nome a uma das Comunas do Dirico também com um número considerável de falantes nativos na República da Namíbia.

Encontramos ainda o “Orukwangali” com nomes alternativos: Kwangali, Cuangar, Kwangare, Kwangari, Sikwangali, da zona (K) com o código (kwn), “Rudiriku” ou Diriku com nomes alternativos como Manyo, divididos entre os reinos de “Kalihonda, Kushakare e Sambyu”; Kalihonda Tchivela, filho de Tchivela e Mashola, estava na área de Mavengi, município de Kalay, província do Cuando Cubango, mas mais tarde deslocou-se de Mavengi para Kumbero, município do Dirico, posteriormente foi descendo pelo rio Kuito. Quando chegou ao Dirico encontrou a tribo dos “Vamanyo (Dirico)”, na margem do rio Kuvango, pertencente à República da Namíbia, tendo este rei Kalihonda impedido a travessia desse povo para Angola. Depois da sua morte subiu ao trono a sua irmã Kashova que, por causa da sua idade avançada, perdeu a visão, tendo chamado para a sua substituição o seu neto “Ndumba ya Tchimpulo” que se encontrava no Ntontowe próximo de Mulemba. Este voltou para Mavengi. Depois deste veio “Kalihonda II, filho de Ndumba, continuando o seu reinado, em Mavengi, com uma curta duração, porque faleceu muito cedo. Depois da sua morte chegaram os portugueses, começando assim a administração colonial; para a administração indígena subiu o rei “Minjenge”, que tendo visto a dimensão geográfica do seu reino, nomeou os seus netos para as categorias de sobas e regedores que o auxiliaram na administração com permanência do anfitrião em Mavengi e os restantes distribuíram-se pelas regiões de Kanyongo e Kapiku. A língua desta tribo pertence à zona (K), tem o código [diu]¹ e dá nome ao município; é falada também nas Repúblicas da Namíbia e Botswana.

¹ Ethnologue – World languages development endangerment statistics about Niger – Congo (1545)
<http://www.ethnologue.com>

A implementação das “línguas angolanas de origem africana” no ensino angolano está a contribuir para a sua expansão, conhecimento e desenvolvimento; por razões muito diferentes, devido ao tráfico de escravos encontramos, hoje, línguas da família Níger–Congo da região (K) na América latina, em especial, no Brasil principalmente a variante “Mbwela”² (K).

Na província do Cuando Cubango existe também a língua “Kung – Ekoka” com nomes alternativos: Hu, Xu, Xun, Xung, Qxu, pertencente ao grupo Khoisan, povos considerados originários ou indígenas de Angola; estão quase em extinção em Angola, mas têm um número considerável na República da Namíbia.

2.2. A LÍNGUA NGANGELA

A Língua Ngangela pertence ao grupo de línguas “bantu” que vêm sendo documentadas, desde os meados do século XIX, de acordo com os critérios genéticos (Westermann, 1911; Greenberg, 1955; 1970) e tipológicos (Guthrie, 1948; Bastin, Coupez e Mann, 1999; Grimes, 1996; Maho, 2008); vários foram os estudos histórico-comparativos realizados sobre estas línguas (Guthrie, 1971-1976; Meeussen, 1967 e 1969/1980; Bastin, Coupez, Mumba e Chadeberg, 2003). Porém, mesmo com todas as pesquisas na área “bantu”, ainda existe um vazio no mapa linguístico situado no planalto central e oriental de Angola, que corresponde à área classificada como zona K.

Vários são os factores que explicam tal carência. Entre eles podemos destacar em primeiro lugar, a política colonial integracionista de Portugal que combatia e penalizava o uso das línguas nacionais, chegando ao absurdo de condicionar a

² “Mbwela” – na variante em referência significa “Ndundu” que traduzido para Português quer dizer “Savana”, língua pertencente à zona (K) variante da língua Ngangela (cf. “ A língua Bantu Angolana Mbwela (K.) e a busca etimológica dos bantuísmos brasileiros” Janine Félix da Silva, Rosa Maria de Lima Ribeiro, Ndonga Nfuwa)

autorização do estudo científico de qualquer língua “bantu” ao compromisso firmado pelo pesquisador de não divulgar o resultado de suas pesquisas dentro das próprias fronteiras de Angola (cf. Ntondo, 2007; Bender, 2009). O genocídio cultural promovido pelos colonos portugueses que se reflecte até aos nossos dias, uma vez que, grande parte da população angolana tem medo e/ou vergonha de falar a sua língua materna. Em segundo lugar estão os cerca de quarenta anos de guerra de independência e civil que se alastrou até 2002.

Actualmente, podemos considerá-la como uma província cosmopolita, mas é predominantemente habitado pelo povo “Vangangela” que constitui quase oitenta por cento da população da província que tem como língua dominante o “Ngangela”. Por sua vez a língua “Ngangela” possui variantes como: Mbwela, Mbunda, Lutyazi, Nyemba, Ngondyelo, o Ngangela do Mpengo e do Katoko, com as subvariantes Yauma e Inkangala. Este povo encontra-se também nas províncias do Bié, Huila, Cunene e Moxico. Pertencem ao grupo das línguas bantu da família “Níger Congo”.

Para o povo “Vangangela”, *bantu* é designado por “vantu” que designa “pessoas” e, no singular, “muntu” (pessoa).

2.2.1. ALFABETO DA LÍNGUA NGANGELA

O alfabeto da Língua Ngangela (padrão) é composto de vinte e cinco grafemas contemplados no princípio do “AFI” (Alfabeto Fonético Internacional): “Uma letra para cada som, um som para cada letra, não se escreve o que que não se lê” :

Letra	Valor fonético	Soletração	Exemplo	Tradução p/ Port.
A	[a]	a	iya	quem?
C	[c]	tché	cala	unha
E	[e]	e	lyendi	dele
F	[f]	fé	lifunda	embrulho

I	[i]	i	ina	mãe
J	[ʒ]	jê	kujala	estender
K	[k]	ké	kukola	crescer
L	[l]	lê	lisina	pus
M	[m]	mê	mema	água.
Mb	[mb]	mbê	mbanda	palma da mão
N	[n]	nê	kununga	juntar
Nd	[nd]	ndê	ndemba	galo
Ng	[ng]	ngê	nganja	copo, cálice
O	[o]	o	kukola	crescer
P	[p]	p	kupanga	fazer
S	[s]	sê	kusala	ficar
T	[t]	tê	tata	pai
Ṭ	[ṭ]	ṭê	kuṭemba	chupar, beijar
U	[u]	u	kulila	chorar
V	[v]	vê	livunda	ovo
W	[w]	wê	kuwana	encontrar
X	[ʃ]	xê	xala	coroa
Y	[j]	yê	kuyana	vencer
Z	[ʒ]	zê	kuzala	vestir

Em cada município e em cada comuna existem escolas; por isso, com a implementação das “línguas angolanas de origem africana³” no sistema de ensino é necessário estudar as particularidades de cada variante dentro do “alfabeto da língua Ngangela”. É neste sentido, que apresentamos aqui as particularidades gráficas e fonológicas da variante Mbwela (K).

Muitas são as dúvidas sobre o Mbwela (K.) geradas pela falta de estudos científicos sobre o mesmo, principalmente no que diz respeito à questão de ser uma língua autónoma ou simplesmente uma variante dialectal da língua Ngangela.

O glossónimo “Ngangela” pode ser utilizado tanto para designar especificamente a língua (K). como um subgrupo do grupo K, dentro do qual figuram especificamente a língua Ngangela “stricto sensu”, o Mbwela, o Lwimbi, o Mbunda, o Ngondyelo, o Nyemba, o Lutyazi. Como observa Ntongo (2006:23), “alguns investigadores consideram o “Ngangela” como um conjunto linguístico formada por várias variantes (Rendinha, 1972), outros negam a existência de um grupo linguístico conhecido por “Ngangela” (Yambo 1997)”.

Ainda segundo (Ntongo 2006: 32),

”é imperioso que se realize um estudo profundo e sério sobre as línguas desta vasta área do sudeste angolano para que surja uma classificação linguística fiável da região”.

Segundo Maniacky (2003), citado por Ntongo (2006: 33),

“Mbwela é uma língua falada no centro da província do Cuando Cubango (sudeste de Angola) à volta do Baixo Longa e ao longo do rio Cuito”.

³ Nova designação substituindo a expressão “Línguas Nacionais” aprovada pela Assembleia da República (16 de Outubro de 2011) www.portalangop.co.ao

Além dessa localização, o Mbwela também é falado no sul e nordeste do Bié, fronteira com o Moxico e Cuando Cubango.

Sublinhamos que as línguas “bantu” são por excelência línguas tonais, por isso os tons são partes fundamentais das línguas.

2.3. LÍNGUAS ANGOLANAS DE ORIGEM AFRICANA E O ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL

Na grafia da maioria das línguas, a relação entre o fonema e grafema (símbolo que representa convencionalmente o fonema), não é biunívoca, ou seja, a um grafema não corresponde sempre o mesmo fonema e um fonema não é representado sempre pelo mesmo grafema. Por outro lado, num determinado alfabeto, como o latino, que é o utilizado por muitas línguas, como as românicas e as germânicas, o mesmo grafema pode corresponder a fonemas diferentes em diferentes línguas.

O sistema de transcrição fonética mais usado é o Alfabeto Fonético Internacional (AFI), criado em 1888, pela Associação Internacional de Fonética. É constituído por símbolos que representam os fonemas mais frequentes nas línguas do mundo, como os diacríticos que acrescentam aos símbolos informações sobre aspectos complementares. Foi criado para que cada fonema representasse um grafema. Para as línguas angolanas de origem africana (Bantu) essa regra é quase indiscutível.

2.4. ACORDO ORTOGRÁFICO : A REALIDADE ANGOLANA

Ao fazermos uma “Proposta de Harmonização de grafia dos Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango”, reflectimos também, aqui, aspectos relacionados com o acordo ortográfico da Língua Portuguesa, estabelecido por Portugal pela primeira vez como modelo ortográfico de referência para as

publicações oficiais e para o ensino. De 1931 a 1945 foi apenas estabelecido apenas com o Brasil com sucessivos fracassos.

O acordo ortográfico longe de Portugal que conta apenas com o Português e o Mirandês⁴ tem de ser adaptado ao multilinguismo ou plurilinguismo angolano quer isto dizer que o acordo ortográfico tem de contemplar as particularidades das línguas angolanas de origem africana que não são poucas, chegando a encontrar mesmo cidades ou províncias com mais de cinco línguas.

Angola, que ainda não ratificou o acordo ortográfico, quer ver nele grafadas as contribuições das suas línguas de origem africana à semelhança do que já fizeram alguns estados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

2.5. PROBLEMAS NA TOPONÍMIA DA REGIÃO

A toponímia do Cuando Cubango apresenta desfasamentos na sua grafia, pois as pessoas grafam-nos de maneira diversa sem saber se estão a escrevê-los num contexto da Língua Portuguesa ou de Língua Ngangela. E se for em Ngangela também não sabem se estão a escrever o topónimo nas variantes Mbwela, Mbunda, Lutyazi, Nyemba, Ngondyelo, em Ngangela do Mpenge e do Katoko (Yauma e Inkangala).

Nos municípios do Dirico e Cuangar não sabem se estão a grafar os topónimos em Língua Portuguesa ou Mbukuxu, Rudiriku e Orukwangali que são línguas diferentes da língua Ngangela e que têm muita influência do Inglês.

⁴ Língua falada por uma minoria em Miranda do Douro

Por exemplo, os habitantes do município do Cuangar lêem ou pronunciam o topónimo Cuando Cubango deste modo *Kwandu Okavango* influenciados pelo Inglês.

O mesmo acontece com os gentílicos. Mas estes (gentílicos) em Português não apresentam problemas, basta que se conheça a regra da sua formação. Por exemplo: o natural de “Menongue” designa-se de “Menonguense”, do “Caiundo” “Caiundense”.

Na língua Ngangela, nas suas variantes e noutras línguas da mesma região que não façam parte do Ngangela, os gentílicos formam-se a partir de um prefixo “muka” anteposto ao topónimo, por exemplo: “muka Vunonge”, “muka Kayundu” e assim acontece com todos os outros gentílicos.

O encontro de línguas nacionais, decorrido na cidade de Menongue, capital da província do Cuando Cubango, recomendou a necessidade dos topónimos de origem africana serem escritos de acordo com a grafia “bantu”⁵ estabelecida pelo Alfabeto Fonético Internacional (AFI):

“Topónimos africanos devem ser escritos de acordo com a grafia bantu”⁶

As direcções provinciais da cultura devem aprofundar os estudos investigativos sobre o mapeamento linguístico das suas províncias, com a supervisão do Instituto das Línguas Nacionais, bem como estabelecer uma parceria técnico-científica com instituições nacionais e estrangeiras afins.

Ao Instituto de Línguas Nacionais foi recomendado, pelos delegados, que incrementasse a cooperação com os utilizadores das línguas nacionais e apele ao bom senso das instituições superiores, para inserirem nos seus programas académicos

⁵ “bantu”: línguas africanas faladas abaixo do Equador pertencentes à família Níger – Congo da qual fazem parte as línguas angolanas com a mesma origem com excepção do Khung – Ekoka.

⁶ Semanário Angolense – Sábado, 20 de Setembro de 2014

mais línguas nacionais. Foi também recomendado o apoio às publicações bem como a necessidade das demais línguas nacionais serem estudadas com a máxima urgência.

Quanto a harmonização da grafia das línguas nacionais, nesse encontro foi pedido às igrejas e às entidades privadas sigam as regras da grafia bantu, trabalhando em conjunto com o Instituto de Línguas Nacionais e solicitem aos governos provinciais para colocarem placas de identificação das localidades, instituições, ruas e outros serviços em línguas locais. Recomenda-se, igualmente, a recolha oral para posterior produção de textos didáticos.

2.6. DESVIOS DA IDENTIDADE TOPONÍMICA

A etimologia toponímica de Angola sofreu um grande desvio, sendo actualmente difícil explicar e justificar a verdadeira identidade onomástica, numa altura em que o período de colonização perturbou a verdadeira cultura toponomástica que indicavam as grandes referências geográficas do nosso país desde rios, montes e montanhas, aldeias, comunas, municípios, províncias e outras localidades importantes.

Este desvio foi também alimentado pelo conflito armado, onde a identidade cultural, ou seja, dizer o seu gentílico poderia ser fatal.

Como exemplo o topónimo “Vunonge” tinha um valor histórico e cultural e possuía um fundamento etimológico, mas ficou privado do seu valor linguístico de origem, tendo sido aportuguesado para “Menongue”, carecendo assim de fundamento quer linguístico, quer cultural. Como a administração tradicional em Angola funciona como uma espécie de monarquia, os parentes de “Mwene Vunonge” nunca se identificarão com o topónimo “Menongue” e os seus sucessores nunca usarão o título de realeza “Menongue”, mas sim “Vunonge”.

O mesmo acontece com outros topónimos como são os casos de: “Quando Cubango, Cuelel, Cuito Cuanavale” e outros.

Daí o nosso interesse em “Propor uma Harmonização de grafia dos Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango” que valorize a identidade cultural e a autenticidade linguística para a reposição do valor histórico conforme dita a *Declaração Universal dos Direitos Colectivos dos Povos*: “considerando que um dos grandes suportes para a compreensão da igualdade de todas as pessoas humanas tem sido o reconhecimento da diferença entre os seres humanos por razões de língua, cultura, pertença a um povo concreto como pronunciou a «*Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamada pela ONU em 1947*», a história mostra que certas comunidades reconhecidas como povo, têm aparecido e desaparecido ou surgido depois na cena internacional com outros nomes.

Apesar disso, as evoluções ou regressões das comunidades humanas ou dos povos, não podem, de nenhuma maneira, fundamentar os graus de aceitação, de negação do respeito devido aos direitos colectivos e individuais das pessoas Os direitos dos povos mantêm sempre, objectivamente, a mesma identidade. Diz respeito às comunidades humanas erigir-se, no curso da história, em povos, e portanto, chegar a ser sujeito dos direitos colectivos.

A presente Declaração tem como objectivo definir os direitos colectivos dos povos, e mediante os seus artigos, precisar o conceito de “povo”:

Título 1. Dos povos e Nações.

Art.º 1. Qualquer colectividade humana que tenha referências comuns a uma cultura e de uma tradição histórica, desenvolvidas em um território geograficamente determinado ou em outros âmbitos, constitui um povo.

Art. 2. Qualquer povo tem direito a identificar-se como tal. Nenhuma outra instância pode substituí-lo para defini-lo.

E como afirma também a *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*, na sua *secção III (Onomástica)*:

Artigo 31º.

Todas as comunidades linguísticas têm o direito de preservar e usar em todos os domínios e ocasiões o seu sistema onomástico.

Artigo 32º.

1. Todas as comunidades linguísticas têm direito a fazer uso dos topónimos na língua própria do território, tanto o que respeita às utilizações orais e escritas, como nos domínios privados, públicos e oficiais.

2. Todas as comunidades linguísticas têm o direito a fixar, preservar e rever a toponímia autóctone. Esta não pode ser suprimida, alterada ou adaptada arbitrariamente, nem pode ser substituída em caso de mudança de conjuntura política ou outras.

Artigo 33º.

Todas as comunidades linguísticas têm direito a designarem-se a si próprias na sua língua. Consequentemente, qualquer tradução deve evitar denominações confusas ou pejorativas.

Artigo 34º.

Todos têm direito ao uso do seu antropónimo na sua própria língua e em todos os domínios de sua utilização, bem como a uma transcrição fonética para outro sistema gráfico, quando necessário, tão fiel quanto possível.

2.7. CLASSIFICAÇÃO TAXONÓMICA DOS TOPÓNIMOS

Tendo em conta a diversidade cultural, étnica e linguística do Cuando Cubango a sua toponímia é de significação variada e antes de entrarmos na sua descrição no segundo capítulo, apresentamos aqui a classificação taxonómica dos topónimos proposta por DICK (1987), mencionada em sua obra “Toponímia e Antroponímia no Brasil: colectânea de estudos”, referentes à toponímia, sendo esta a mais aceite e servindo de base teórica ao longo desses anos. Ela divide esta classificação em dois grupos: as taxonomias de natureza física e as taxonomias de natureza antropológico-cultural, onde organiza os topónimos de acordo com a sua significação e etimologia.

Eis a classificação taxonómica de natureza física de (cf.DICK,1992):

- Astropónimos: taxa de topónimos responsável pelo estudo dos corpos celestes em geral.
- Cardinotopónimos: taxa responsável pelas posições geográficas em geral.
- Cromotopónimos: taxa responsável pelo estudo das escalas cromáticas.
- Dimensiotopónimos: taxa responsável pelo estudo das características geográficas dos acidentes geográficos: extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura e profundidade.
- Fitotopónimos: taxa responsável pelo estudo das índoles vegetais, sendo este individual, em conjunto da mesma espécie ou em espécies diferentes.
- Geomorfotopónimos: taxa responsável pelo estudo das formas topográficas: elevações, montanhas, montes morro, colinas, coxilhas, depressões de terrenos, vales e baixas e as formações litorâneas – costa, cabo, angra ilha e porto.
- Hidrotopónimos: taxa responsável pelo estudo dos acidentes hidrográficos: água, rio, córrego, ribeirão, braço e foz.
- Litotopónimos: taxa responsável pelo estudo das índoles minerais e constituição do solo, representado por indivíduos, - bairro, barreiro e ouro – conjunto da mesma espécie ou de espécies diferentes.
- Meteorotopónimos: taxa responsável pelo estudo dos fenómenos atmosféricos: vento, neve, chuva, trovão.

- Morfotopónimos: esta taxa reflecte o sentido das formas geométricas.
- Zootopónimos: taxa responsável pelo estudo das índoles animais, representado pelos animais domésticos, não-domésticos e da mesma espécie.

Apresentamos a classificação taxonómica de natureza antro-po-cultural (cf.DICK):

- Animotopónimos ou Nootopónimos: taxa relacionada a vida psíquica, a cultural e espiritual. Nesta taxa há ausência da cultura física: vitória, triunfo, saudade, belo, feio.
- Antropotopónimos: taxa responsável pelo estudo dos nomes próprios individuais: prenomes, hipocorísticos, prenomes mais alcunha, apelidos de famílias e prenomes mais apelidos de famílias.
- Axiotopónimos: estuda os títulos e dignidades atribuídas aos nomes próprios individuais: presidente, duque, doutor, coronel, etc.
- Corotopónimos: taxa relacionada com nomes de cidades, estados, países, regiões, continentes.
- Cronotopónimos: representa os topónimos relacionados aos indicadores cronológicos, sendo representados pelos adjectivos: novo, nova, velho, velha.
- Ecotopónimos: taxa relacionada com as habitações de modo geral.
- Ergotopónimos: taxa relacionada com os elementos da cultura material: flecha, jangada e relógio. Podemos incluir também os produtos manufacturados: farinha, pinga, vinho, óleo e azeite.
- Etnotopónimos: taxa relacionada com os elementos étnicos, individuais ou não: povos, tribos, castas.
- Dirrematopónimos: taxa constituída por frases ou enunciados linguísticos.
- Hierotopónimos: relacionados com os nomes sagrados de diferentes crenças religiosas, efemérides religiosas, associações religiosas, locais de culto: igreja, capela. Os Hierotopónimos dividem-se em duas categorias: hagiotopónimos e mitotopónimos.
- Hagiotopónimos: Hierotopónimo ligado aos santos e santas da igreja católica romana.

- Mitotopónimos: Hierotopónimo relativo às entidades mitológicas: saci, Curupira, jurupari e anhangá.
- Historiotopónimos: taxa que estuda os movimentos histórico-culturais e seus respectivos membros, do mesmo as datas correspondentes.
- Hodotopónimos: taxa relacionada com as vias de comunicação rural ou urbana.
- Numerotopónimos: taxa relativa aos adjetivos e numerais.
- Poliotopónimos: topónimos constituídos pelos vocábulos: vila, aldeia, cidade, povoado, arraial.
- Sociotopónimos: referente às actividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, praça, pátio).
- Somatotopónimos: taxa de relações metafóricas, à parte do corpo humano ou animal.

2.8. IMPORTÂNCIA DA TOPONÍMIA

A Toponímia, para além da função cultural, representa um meio de referência geográfica que se tem mostrado eficiente e que importa utilizar e gerir de forma sustentável, sem colocar em causa o seu valor simbólico que veicula a cultura do povo, imprimindo nos locais marcas indeléveis.

O estudo da Toponímia permite a compreensão dos valores e das tradições de um povo. Quando falamos de património histórico, devemos lembrar-nos que não são apenas os monumentos e a cultura material. Existe um conjunto de elementos patrimoniais, que por vezes, não se distinguem, mas fazem parte do nosso dia-a-dia.

A Toponímia é certamente um desses elementos, uma vez que corresponde ao enquadramento cultural, a percepção que o homem possui do território que o rodeia, corresponde à identificação das áreas, evidenciando a memória colectiva sobre um determinado espaço.

O estudo da Toponímia permite também a identificação de monumentos e sítios, por vezes escassamente referidos nas fontes, mas que organizavam o urbanismo das cidades e o quadro mental dos seus habitantes. Por outro lado, a Toponímia surge também como um meio de auxílio na investigação arqueológica, permitindo igualmente a identificação de locais. Para além de ajudar na identificação de estações arqueológicas, permite-nos também compreender a importância desses sítios para as populações, ficando na memória colectiva a identificação que fazem desse local. Certamente o seu estudo é uma mais-valia no conhecimento da memória colectiva dos povos.

Para o nosso caso de Angola, em geral, e do Cuando Cubango, em particular, esta reveste-se de maior importância no contexto actual. O país esteve durante muito tempo atribulado pela guerra e doze anos passados depois da guerra chegou a fase de reconstrução nacional e não se faz reconstrução nacional sem denominar os sítios, as cidades, as vilas; daí a grande importância da Toponímia que assume novos desafios no nosso tempo uma vez que foram surgindo, ao longo do tempo, construções anárquicas, nomes de lugares atribuídos por pessoas sem estatuto.

2.9. IMPORTÂNCIA DOS GENTÍLICOS

De igual modo os gentílicos representam a identidade cultural de um povo, tribo, clã, casta, família e pessoa. Tendo em conta a divisão e organização do território, cada sítio, lugar tem um nome e cada indivíduo nasce num determinado sítio ou lugar, assumindo assim o gentílico do local onde nasceu. Por exemplo: quando ouvimos falar de um “Menonguense” sabemos logo que é natural de Menongue, “Cuando Cubanguense” nasceu algures na província do Cuando Cubango, “Angolano”, o cidadão nasceu em Angola. E isto faz com que nos identifiquemos com o local onde nascemos, por isso é imperioso que cada pessoa conheça o seu gentílico tendo em conta o local onde nasceu.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO DE TOPÓNIMOS E GENTÍLICOS

3.1. CORPUS DE TOPÓNIMOS : ANÁLISE E DESCRIÇÃO

Neste capítulo, propomo-nos fazer uma análise e descrição do *corpus* de topónimos recolhido para esta investigação.

Cuando Cubango

Variantes: Kwandu Kuvangu, Kwandu Okavango

Topónimo anfitrião que dá nome ao território geográfico, constituindo a décima sétima província de Angola. O topónimo tem origem a partir de dois grandes rios que atravessam a região (os rios “Cuando ou Kwandu” e “Cubango, Kuvangu ou Okavango”).

O rio “Cuando” (ou Kwandu) nasce na província do Moxico e corre para o sudeste formando parte da fronteira entre Angola e a Zâmbia; durante este percurso, o leito do rio é formado por ilhas e canais, com uma largura que varia entre cinco a dez quilómetros. O rio “Cuando, Kwandu” tem um comprimento de setecentos e trinta e cinco quilómetros.

Quando termina essa fronteira, o rio “Cuando, Kwandu” atravessa a faixa de “Caprivi”⁷ na direcção sudoeste, mudando novamente de direcção para formar a fronteira com a região da Namíbia com o Botswana, correndo primeiro para sudeste e depois para o leste, onde vai desaguar no Zambeze. A curva do rio é pantanosa e nesse espaço encontram-se dois parques nacionais (Mundumo e Mamli) todos em

⁷ Estreito corredor terrestre em forma de cabo de frigideira situado no nordeste da Namíbia.

território namibiano. Nesta região, esta porção do rio é conhecida por rio “Linyanti” ou pântano Linyanti. A porção seguinte a caminho do Zambeze é denominada por Chobe.

Rio “Cubango” (Kuvangu ou Okavango) nasce perto de Chicala Cholohanga (Vila Nova) no planalto do Huambo.

O “Cubango” (Kuvangu ou Okavango) corre em direcção ao sul até atingir a região ou município do Kuvangu (Vila Artur de Paiva) a nordeste da província da Huila, onde recebe o rio “Cutato” como afluente, e onde começa a inflectir para leste até atingir a fronteira sul da Namíbia, de onde passa a servir de fronteira até ao “Mucusso”, província do “Cuando Cubango”.

Parte das águas do rio “Cubango” perdem-se em pântanos no Botswana. A bacia do “Cubango” é importante para os povos “Khung”⁸ e Ambó⁹, representando um dos maiores ecossistemas aquáticos virgens no continente africano.

São várias as lendas que ocorrem sobre as terras do “Cuando Cubango”. Ao longo dos tempos registou-se a impossibilidade de instalação de uma administração eficiente, num território com tamanha dimensão, que desde sempre sempre foi território de difícil acesso tendo-lhe mesmo sido atribuído o nome de “Terras do fim do Mundo”.

Em 1889, depois da conferência de Berlim, o governo da colónia de Portugal decidiu mandar uma expedição ao Alto Zambeze para ocupar o reino de Barotze que se tinha formado, ali, desde 1840. Esta expedição devia fazer o reconhecimento de toda a zona do “Cuando Cubango”; nesta altura já havia contacto entre os povos autóctones e os portugueses nas viagens de Serpa Pinto e Capelo em 1878.

O projecto de ocupação nunca se realizou e os ingleses mandaram uma ordem a Portugal para que deixasse o território transcontinental que pertencia a Cecil

⁸ Povos indígenas de Angola mais vulgarmente conhecidos por Khoisan que para eles é pejorativo.

⁹ Povos do sul de Angola que falam “Oshiwambo”.

Rodes¹⁰. Esta ordem foi o ultimato de 1891. Nesse caso, o capitão português Paiva Couceira que estava no Bié pronto a partir para Barotze¹¹, foi ao Kuvangu¹² com o propósito de explorar aquelas terras, atravessando os reinos de Kuvangu, Sendye e Masaka e foi para o Mukusso, onde estavam os povos que tinham fugido de Barotze. Esta viagem levou o governo da colónia a conhecer ou aperceber-se das riquezas e potencialidades da região. Chega ao delta interior, no Botswana, num pântano com grande interesse ecoturístico, onde se dispersa no deserto de Kalahari, próximo ao pântano temporário de “Makgadikgadi”¹³

Portanto, “Quando Cubango” deve-se à fixação do povo “Vangangela” entre os dois grandes rios já referenciados. O “Quando” (Kwandu) que nasce a leste na província do Moxico é um dos afluentes do rio Zambeze e o “Cubango” (Kuvangu) a oeste, as suas águas correm para sul, atravessando países como a Zâmbia e desagua no delta do Okavango, no Botswana, onde deposita toda a sua carga de água, sedimentos e detritos.

Entre estes dois grandiosos rios que baptizam a região, confluem tantos outros rios ricos em peixe com água cristalina como é o caso do rio “Lwasingua” (Kweve ou Cuebe) e outros.

Menongue

Variantes: Vunonge, Serpa Pinto

Topónimo que denomina a capital da província do “Quando Cubango”, substituindo o extinto Distrito de Serpa Pinto, em tributo ao investigador e

¹⁰ Colonizador britânico e homem de negócios. Foi também personagem importante no projecto britânico de construção que ligaria o Cairo, no Egipto, ao Cabo na África do Sul.

¹¹ Ex Rodésia do Norte e actual Zâmbia.

¹² Ex Vila Artur de Paiva, que depois de 1975, eclesiasticamente pertencia à Diocese de Menongue e administrativamente à província da Huila.

¹³ Pântano formando uma planície de sal no Botswana.

explorador Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto que integrava a caravana de uma expedição ao rio Zambeze, como técnico, avaliando a rede hidrográfica e a topografia da região; tem, hoje, este nome em homenagem a “Mwene Vunonge”, autoridade tradicional descendente de “Mwene Tyinyama”, seu pai. “Mwene Vunonge” veio a perecer em defesa de seu reino, numa briga com um comerciante português.

“Menongue” é limitado a norte pelo município de Chitembo (Bié), a leste pelos municípios do “Cuito Cuanavale” e Nancova, a sul pelos municípios do “Calai”, (Kalay) e “Cuangar” (Kwangare) e a oeste pelos municípios de Cuanhama, Cuvelai e “Cuchi” (Kutyi). É constituído pelas comunas de Missombo, Cueio (Kweyo) e Caiundo (Kayundu).

São muitas as histórias que pairam sobre estas terras. Ao longo dos tempos houve a impossibilidade de instalação de uma administração eficiente para um território de tamanha dimensão com um acesso difícil.

Serpa Pinto é uma vila, cuja existência vem desde 1921, tendo sido designada em tributo a “Alexandre Alberto da Rocha de Serpa Pinto” como já mencionamos. Em 1923, foi designada de sede da circunscrição de Vunonge, criada pelo decreto de 3 de Setembro. Em 1927, foi extinto o Distrito do Kuvangu e Serpa Pinto que era sua capital, voltando, novamente, a simples vila, sem qualquer destaque administrativo, vindo a desaparecer e ser integrada no Bié de onde dependia superiormente. Em 1945, volta a aparecer como Distrito, mas com o nome de Cuando Cubango; pela portaria de 23 de Outubro volta a ser Distrito integrado ao Bié, com carta Orgânica do Ultramar Português. Em 1947, passa também a sede de Conselho de 3ª classe por portaria de 16 de Abril. Em 1950, foi designada sede de Intendência.

Em 1960, foi-lhe atribuída o estatuto de Distrito sendo o seu primeiro governador, o Subintendente Carlos Luís Mota de Deus que passa mais tarde a intendente para que deixasse de depender superiormente do governo de Silva Porto (Bié). Assim, aos vinte e um dias do mês de Outubro de 1961, o Diploma legislativo Ministerial nº51, cria o Distrito do “Quando Cubango” e fixa Serpa Pinto como sua capital.

O Diploma Legislativo nº 3258 de 6 de Julho de 1962 concede a esta região o título de cidade, sendo-lhe atribuída o brasão de armas e concedido o foral pelas Portarias Ministeriais de 1 e 4 de Outubro.

A 14 de Agosto de 1968, formou-se o governo do Distrito já separado do Bié. Este governo era constituído pelo governo do Distrito, Câmara municipal de Serpa Pinto, Administração Civil, Serviços de saúde, Repartição de fazenda, Serviços de veterinária, Junta Autónoma de Estradas de Angola, Agriculturas e Florestas, Serviços Meteorológicos, Polícia, C.T.T, Repartição Escolar e Obras Públicas¹⁴.

Na era colonial, realizavam-se as festas da cidade de “Menongue” (Vunonge, Serpa Pinto) de 14 de Agosto a 5 de Setembro de cada ano e assinalava-se feriado municipal no dia 21 de Outubro. Por isso, a sua idade real é de quase um século.

Dirico

Variante: Diriku

Topónimo que designa um dos municípios da província do “Cuando Cubango”. Com uma superfície de 18.590 km² é limitado a norte pelo município de Mavinga, a sul pela República da Namíbia, a leste pelo município do Rivungo e a oeste pelo município do “Calai”. É constituído pelas comunas de “Dirico, Xamavera e Mucusso” (ou Mbukushu).

O topónimo tem origem no povo aí encontrado pelos portugueses; a língua falada pelo povo tem o mesmo nome, mas os falantes pronunciam “Dzíriku ou Rudzíriku”. Na nossa investigação *in locu* apercebemo-nos de uma antiga designação desta localidade que era “Kakeke”¹⁵. Também, o “Diriku”, já foi chamado por “Shinshongo”, que quer dizer confluência, pois neste município encontramos a

¹⁴ Programa de actividades das festas da cidade de “Menongue, Vunonge, Serpa Pinto”, edição 1972.

¹⁵ Na língua angolana de origem africana “Ngangela” significa “criança, bebé”.

confluência de dois grandes rios, o Kuvangu e o Kwitu. Neste mesmo município de “Dirico”, encontramos também outras localidades (comunas e aldeias), cujos topónimos despertam grande curiosidade e interesse, por isso, passamos a descrevê-los:

Mucusso

Variante: Mbukushu

Topónimo que denomina uma das comunas do município do “Dirico” com uma superfície de 5.329 km², limitado a sul e a sudeste pela vizinha República da Namíbia, a leste pela comuna do Luyana (município do Rivungo), a nordeste pelo município de Mavinga e a norte pelo município sede ou capital do Dirico. O topónimo tem origem a partir do nome de uma árvore silvestre abundante ao longo das ilhas desta comuna, onde se instalou o povo que aí habita que por sua vez também tem o mesmo nome; a língua também é denominada de “Mbukushu” uma das línguas autónomas da província do “Cuando Cubango”, tendo em conta a variedade e diversidade linguística existente na província em referência. A tribo “Mbukushu”, antes era denominada por “Akokohu” e também “Kakeke”, tendo desaparecido com o aparecimento dos colonizadores portugueses.

Ali, encontramos grandes encantos e lendas, onde para se chegar ou alcançar as mesmas localidades é necessário andar de barco e pôr de lado o medo de hipopótamos, jacarés e crocodilos. As etnias Vambukushu e Vamanyo são oriundas do Mashi que, actualmente, constitui a comuna de Tchipundo, município do Rivungo, com ramificações ou parentescos na Zâmbia.

Xamavera

Topónimo que denomina a outra comuna do município de “Dirico”. Xamavera tem a sua sede instalada na localidade de “Tuny”; o seu nome provém de uma planta que se encontra nas margens dos rios Kuvangu e Kwitu. Esta planta é leitosa e embora o povo do “Diriku” não admita que grafe o topónimo assim: “Xamavele” que em Ngangela e noutras línguas teria ligação com o conceito “leite”.

Nela encontramos também uma missão católica com o mesmo nome, fundada pelo padre John Maly, proveniente de França que depois de ter saído da missão de Sambyu (Namíbia), onde esteve durante três anos, instalou-se no Kapupayedi-Nodo, igualmente durante três anos; foi andando ao longo das margens do rio “Cubango”, para a missão do Nyangana até Shahefu, onde ficou também três anos com o objectivo de reunir a comunidade “Khung”, que se encontrava distribuída em comunidades nómadas e em comunidades sedentárias, cuja sobrevivência dependia da natureza, recolhiam frutos silvestres, mel e praticavam a caça.

Tendo em conta a fronteira da província do “Cuando Cubango” com a vizinha República da Namíbia, os povos desta parcela de terra têm muita influência da língua inglesa; aliás têm para além desta muitas línguas em comum como: o próprio “Dzíriku ou Rudzíriku, Kwangare, Mbukushu e outras. Isto é notório porque a fronteira entre estes povos é o rio “Kuvangu, Cubango ou Okavango”, onde os dois povos fazem uso do mesmo recurso hídrico.

Cuchi

Variante: Kutyi

Topónimo que designa outro município da província do “Cuando Cubango”, com uma superfície de 10.621 km², é limitado a norte pelo município de Chitembo, a leste pelo município de “Menongue” (Vunonge ou Serpa Pinto), a sul pelo município de Cuvelai e a oeste pelo município do “Cuvango” (Kuvangu). É constituído pelas comunas de Cuchi (ou Kutyi), Cutato (ou Kutatu), Cinguanja (ou Tyinguanja) e Vissati (ou Visaty ou Mwila).

Município historicamente muito evoluído, o seu nome tem origem a partir do rio Kutyi que nasce na província do Bié e desagua no rio Kuvangu. Mas antes dos portugueses terem chegado ao local, era conhecido por “Mbonge ya Kandyema”, isto é, “Vila do pirilampo” que abundam nas noites escuras. “Cuchi” foi o primeiro município a organizar festas na cidade com grandes exposições e publicidade de marcas de cerveja; os portugueses passaram a chamar-lhe “Vila Nova de Sagres”.

Até se afirmar definitivamente como “Cuchi” era denominado por: “Mbongeya Kandyema e era dividido por vários reinos como: o “Mpengo (fundado pelo rei com o mesmo nome que em Português quer dizer Palanca Real), o Sendye e outros.

Sendye

Topónimo que denomina uma das localidades (aldeia do município do Cuchi, ou Kutyi), cujo nome tem origem no rio Isendye que se constituiu num reino fundado por “Mwene Mukuva”, sucessor de Mwene Ngunda, fundador do reino de Sendye.

Os missionários católicos da congregação dos espiritanos, em 1897, edificaram aí uma missão com o mesmo nome, tendo como fundador o padre Augusto Muller, que mais tarde foi transferida para a região de Masaka.

Cutato

Variante: Kutatu

Topónimo que indica o nome de uma das comunas do município do “Cuchi, Kutyi”. Tem origem a partir do nome de um rio que nasce na província do Bié e desagua no rio “Cubango” (Kuvangu)

Vissati

Variantes: Visaty ou Mwila

Topónimo que indica o nome de outra comuna do município do “Cuchi” (Kutyi) com origem na vegetação da região. Vissati (ou Visaty ou Mwila) quer dizer em Português caniços. Neste caso, a região é caracterizada na sua maioria por este tipo de vegetação ao longo das margens do rio; daí originou o nome da comuna.

Cuangular

Variante: Kwangare

Topónimo que denomina outro município da província do “Cuango Cubango”.

Com uma superfície de 18.917 km² o município do “Cuangular” (Kwangare) é limitado a norte pelos municípios de “Menongue” e Nancova, a leste pelo município do “Calai” (Kalai), a sul pela República da Namíbia e a oeste pelo município de Namacunde (Kunene).

O topónimo tem origem a partir do nome do povo e da língua com o mesmo nome. Certifica-se que foi o último grupo a chegar ao território que hoje se chama “Cuango Cubango”, no século XIX, proveniente de “Orange” (África do Sul) por volta de 1840 à procura de melhores terras para a pastorícia e trabalhar, fundir ou forjar o ferro a partir de técnicas rudimentares que já dominavam na época. Fixaram-se nas margens do rio Zambeze, onde foram também conhecidos por “Makokolo”, abandonando poucos anos depois aquela área e espalhando-se ao longo do rio “Cubango”, onde se fixaram até aos nossos dias, organizando-se em comunidades e formando reinos importantes como (Sâmbyu e Mbunza); o primeiro veio a desenvolver-se e actualmente é representado pela Rainha Evalline Kandjimi, residente no município do “Calai”(Kalai), representando os dois povos.

Tendo em conta a situação político-militar que Angola viveu, o outro reino que era liderado pela Rainha Mangondo, desintegrou-se tendo a maioria da população que o compunha atravessado o rio “Cubango” (Kuvangu) à procura de zonas seguras e refugiaram-se na vizinha República da Namíbia, onde desenvolveram a sua língua encontrando-se hoje a ser leccionada nas escolas deste país em todos os ciclos académicos.

Calai

Variante: Kalay

Topónimo que dá nome ao município fronteiriço do “Quando Cubango”, com uma superfície de 7.865 km², é limitado a norte pelo município de Nancova, a sul pela República da Namíbia, a leste pelos municípios de Mavinga e “Dirico” (Diriku) e a oeste pelo município do “Cuangar” (Kwangare). O seu nome tem origem a partir de um ribeiro, onde abundam plantas denominadas “Mulay” quando atingem a seu tamanho máximo, mas o seu diminutivo é “Kalay”.

Na era colonial, o município foi conhecido como zona de passagem dos contratados que iam para Johannesburg (África do Sul).

Maué

Variante: Mavwé

Topónimo que denomina uma das comunas do município do “Calai” (Kalay); o seu nome tem origem na característica do solo. A região é pedregosa e em Ngangela, “Maué” (Mavwé) designa pedras.

Mavengue

Variante: Mavenge

Topónimo que indica o nome de outra comuna do município do “Calai”, (Kalay) com origem na fauna da região. Nesta habitam animais de cor avermelhada que na língua local é “Vavenga”; daí, resultou “Mavengue ou Mavenge”.

Mavinga

Este topónimo constitui o nome de outro município do “Quando Cubango”.

Mavinga tem uma superfície de 44.347km², limitado a norte pelos municípios de Luchazes e Bundas, a sul pelos municípios do “Dirico” (Diriku) e “Calai”

(Kalay), a leste pelo município do Rivungo e a oeste pelos municípios de Nancova e “Cuito Cuanavale” (Kwitu Kwanavale).

O seu nome tem origem a partir de um ribeiro, afluente do rio “Kuvia”, afluente do rio “Quando” (Kwandu), onde se situa a vila com o mesmo nome. Zona com aspecto paradisíaco apreciada e frequentada por todos inclusive animais ferozes vindo a ser conotada, por isso, como zona perigosa. A aldeia também é conhecida pelos nativos por “Fwila” ou “Kayongo de Mwene Fwila”, nome da autoridade máxima, que se tinha instalado nesta região.

Cunjamba–Dima

Variante: Kunjamba–Dima

Este topónimo constitui o nome de uma das comunas do município de Mavinga. Sabe-se que Mavinga é um dos municípios da província do “Quando Cubango”, onde se encontram em abundância muitos elefantes e este animal na língua local é chamado de “ndjamba”.

A designação desta comuna deve-se também à fauna local, acrescentando “Dima” que designa um ribeiro frequentado por elefantes que vão, aí, beber água; neste caso, juntou-se o nome do ribeiro ao nome do animal; daqui resultou “Kunjamba–Dima”.

Cutulo

Variante: Kutwilo

Este topónimo constitui também uma das comunas do município de Mavinga. Tem origem a partir de um ribeiro afluente do rio “Quando” (Kwandu) que possui pedras que o povo bantu principalmente daquela localidade e não só utiliza como indústria moageira rudimentar ou mecanizada. Neste caso, “Kutwilo” provém de “Kutwa” (pisar cereais).

Luengue

Variante: Lwenge

Topónimo proveniente do nome de um rio do município de Mavinga afluente do rio “Cuando” (Kwandu).

Rivungo

Variante: Rivungu

Topónimo que designa outro dos municípios do “Cuando Cubango”, com uma superfície de 29. 510 km² é limitado a norte pelo município dos Bundas (Moxico), a sul pela República da Namíbia, a leste pela República da Zâmbia e a oeste pelos municípios do “Dirico, Diriku” e Mavinga.

O nome deste município provém da flora da região com árvores gigantes que na língua local chamam-se “Muvunguvungu”.

No entanto, quem detinha o poder da administração naquele tempo, transformou “Mavunguvungu” em “Rivungo” ou “Rivungu”, onde encontramos as comunas seguintes:

Luiana

Topónimo que tem origem a partir de um ribeiro com o mesmo nome, afluente do rio “Cuando” (Kwandu).

Chipundo

Variante: Tyipundo

Outra comuna do município do Rivungo. Região onde a população é maioritariamente camponesa; constrói as casas ou as cabanas de pau a pique que na língua local diz-se “tyipundo”.

Caíla

Variante: **Kaíla**

Comuna do município do “Cuangar” (Kwangare). Este topónimo tem origem a partir do declive do seu terreno banhado por um rio. A primeira autoridade tradicional da localidade “Mwene Mpandu” (Soba Mpandu) para se deslocar ou ir a “Cuangar” (Kwangare), sede da capital, usava este declive que dava até ao rio. Mas ninguém podia usá-lo, porque era muito perigoso, dando origem a muitos afogamentos.

Savate

Comuna do município do “Cuangar” (Kwangare). O topónimo tem origem a partir de uma lagoa situada além do rio “Cubango”.

Nancova

Variantes: Nankhova ou Lyankhova

Outro município da província do “Quando Cubango”, situado no centro e sul da província. O topónimo tem origem a partir do nome de um dos primeiros habitantes desta região. Chamava-se Lyankhova e os portugueses começaram a pronunciar-lo de forma alterada como Nancova.

Bondo

Também é uma comuna do município do “Cuangar” (Kwangare). Este topónimo tem origem numa chana com o mesmo nome. No passado, estava situado, nesse local, o posto administrativo e era denominado por Kaíla–Mondo. Os que grafaram este topónimo alteraram-no para Bondo.

Tuni

Sede capital da comuna de Xamavera. Este topónimo tem origem a partir do nome do tio de Miguel I, soba desta localidade; neste caso o seu tio chamou-se em vida "Kautuni". Quando ele chegou a este local não encontrou ninguém na localidade, daí ter atribuído o seu nome à localidade e que prevaleceu até hoje.

Rito

Variante: Litu

Comuna pertencente ao município do Nancova. O topónimo tem origem a partir do nome de uma autoridade tradicional que se chamava "Litu" e os portugueses transformaram o topónimo em "Ritu".

Cuito Cuanavale

Variante: Kwitu Kwanavale

O Cuito Cuanavale é um dos municípios da província do “Cuando Cubango” que inicialmente adoptou o nome de um riacho “ Ntyengo”, que passava pela sua

sede. Nos anos de 1912 – 1945¹⁶, com a chegada dos Portugueses vindos da Província do Moxico, passou a chamar-se Cuito Cuanavale. O nome Cuito Cuanavale é originário da junção dos dois rios, rio Cuito e rio Cuanavale.

O Município do Cuito Cuanavale é limitado a sul pelo município de Nankhova, a oeste pelo município de Menongue, a leste pelo município de Mavinga e a norte pelo município de Kangamba (Província do Moxico).

É constituído pelas comunas de Lupire, Longa e Baixo Longa.

Lupire

Comuna do município do Cuito Cuanavale. Este topónimo tem o nome de um rio constituindo assim um hidrotopónimo.

Longa

Outra comuna do município do Cuito Cuanavale. Também é um hidrotopónimo.

Baixo Longa

Comuna do município do Cuito Cuanavale. Conforme o nome diz situa-se a baixo do rio Longa constituindo assim um geomorfohidrotopónimo

¹⁶ In “Perfil do Município do Cuito Cuanavale – Província do Kuando Kubango”, 2007

3.2. CLASSIFICAÇÃO DOS TOPÓNIMOS DOS MUNICÍPIOS

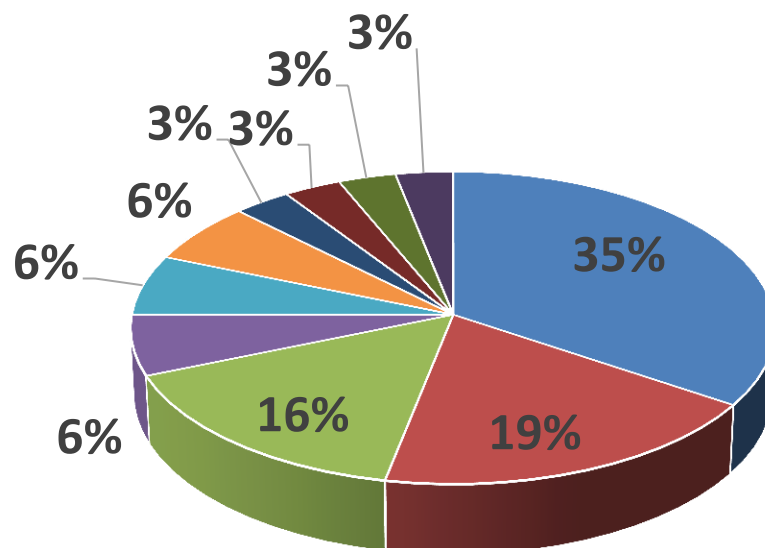
E COMUNAS DO CUANDO CUBANGO

Topónimo	Categoria	Definição
Cuando Cubango ou Kwandu Kuvangu ou Kwandu Okavango	Hidrotopónimo	Nome atribuído a acidentes hidrográficos. Ex.: rios
Menongue ou Vunonge	Antrotopónimo, Axiotopónimo	Nome próprio (individual ou de família) Nome que indica título atribuído a dignidades individuais ou colectivos. Ex.: reis, príncipes, duques
Dirico ou Diriku	Etnotopónimo	Indica nome de tribo. Ex.: Diriku
Mucusso ou Mbukushu	Fitotopónimo	Indica nome da vegetação
Xamavera	Fitotopónimo	Indica nome da vegetação
Cuchi ou Kutyi	Hidrotopónimo	Nome do rio
Senje ou Sendye	Axiotopónimo	Título atribuído a dignidades individuais ou colectivas
Cutato,	Hidrotopónimo	Indica nome de rio

ou Kutatu		
Vissati ou Visaty	Fitotopónimo	Indica o nome vegetação
Calai ou Kalay	Fitotopónimo	Indica o nome vegetação
Cuangar ou Kwangare	Etnotopónimo	Indica o nome de um povo
Maué ou Mavué	Geomorfotopónimo	Indica as formas topográficas. Ex.: colinas
Mavengue ou Mavenge	Zootopónimo	Indica nomes de animais
Mavinga	Hidrotopónimo	Indica o nome de um rio
Jamba–Dima, ou Kunjamba–Dima	Zoo - hidrotopónimo	Indica simultaneamente o nome de um ribeiro de animais
Cutuilo ou Kutuilo	Hidrotopónimo	Nome de um rio
Luiana	Hidrotopónimo	Nome de um rio
Chipundo ou Tyipundo	Ecotopónimo	Relacionado com a habitação
Luengue, ou Lwenge	Hidrotopónimo	Nome de um rio
Cuito Cuanavale	Hidrotopónimo	Nome de rio

ou Kwito Kwanavale		
Rito ou Litu	Antrotopónimo	Nome próprio
Caíla ou Kaíla	Geomorfotopónimo	Forma topográfica
Savate	Hidrotopónimo	Nome de lagoa
Nancova, Lyankhova	Antrotopónimo	Nome próprio
Bondo	Fitotopónimo	Nome da vegetação
Tuni	Antrotopónimo	Nome próprio
Lupire	Hidrotopónimo	Nome de rio
Longa	Hidrotopónimo	Nome de rio
Baixo Longa	Geomorfohidrotopónimo	Nome de baixa de um rio

3.3. ÍNDICE DE FREQUÊNCIA DOS TOPÓNIMOS



- | | |
|--------------------------|-----------------|
| ■ Hidrotopónimos | ■ Fitotopónimos |
| ■ Antrotopónimos | ■ Etnotopónimos |
| ■ Geomorfotopónimos | ■ Axiotopónimos |
| ■ Zoo-hidrotopónimos | ■ Ecotopónimos |
| ■ Geomorfohidrotopónimos | ■ Zootopónimos |

Gráfico de frequências dos topónimos

Como vemos, os hidrotopónimos predominam no gráfico de frequência, ocorrendo onze vezes; podemos considerá-los em Estatística Aplicada a “moda” porque constitui o índice com maior frequência por exemplo nos topónimos Cuando Cubango ou Kwandu Kuvangu ou Kwandu Okavango, Cuchi ou Kutyi, Mavinga, Dima, Luiana, Luyana, Cutuilo ou Kutuilo, Luengue ou Lwenge e Cuito Cuanavale ou Kwitu Kwanavale e Savate.

Seguem-se os fitotopónimos nos topónimos Mucusso ou Mbukushu, Xamavera, Vissati ou Visaty, Calai ou Kalay e Bondo. Depois temos os Axiotopónimos nos topónimos (Senje, Sendye, Vunonge). Os Etnotopónimos, nos topónimos Cuangar ou Kwangare, Dirico ou Diriku. O Geomorfotopónimo nos topónimos (Maué ou Mavwé e Caíla ou Kaíla). O Zootopónimo, no topónimo (Mavengue ou Mavenge). O zoo-hidrotopónimo, no topónimo Jamba-Dima. O Ecotopónimo, no topónimo Chipundo ou Tchipundo. E os antropónimos, nos topónimos Vunonge, Lyankova, Tuni, Litu, Kayundu.

A maior frequência de hidrotopónimos justifica-se pela abundância de rios nesta parcela do território angolano e para além destes existem outros que num próximo trabalho sobre hidronímia poderemos fazer uma abordagem dos mesmos para que não permaneçam no anonimato.

3.4. CARACTERIZAÇÃO MORFOSSEMÂNTICA DOS TOPÓNIMOS

Os topónimos analisados apresentam-se de forma variada, pois entre eles encontramos topónimos simples e topónimos compostos. Temos entre os topónimos simples (Menongue, Calai, Cuangar, Cuchi, Mavinga, Rivungo, Nancova, Dirico, Caiundo, Missombo, Cutato, Vissati, Sendye, Xamavera, Mucusso, Bondo, Savate, Mavengue, Rito, Luiana, Chipundo, Maué). Cada um deles é composto por apenas um substantivo.

Encontramos também topónimos compostos por substantivo + substantivo como por exemplo (Kwitu-Kwanavale, Kwandu-Kubango, Jamba-Kweyo, Jamba-Dima, Kaíla-Bondo).

Sendo nomes de lugares todos pertencem à mesma classe: nomes próprios. E quanto ao género, existem nomes de localidades associados a um artigo definido como por exemplo: O Cuito Cuanavale, o Cuando Cubango, o Cuchi, o Cutato, Cuangar, o Calai, o Nancova, o Rivungo, o Missombo, o Caiundo, o Mucusso. Em

contrapartida existem nomes de lugares entre eles, países, províncias municípios e comunas que não comportam qualquer artigo como por exemplo: Menongue, Mavinga, Xamavera, Mavengue.

Mas vezes é necessário usar o artigo e nestes casos é preciso acrescentar alguma palavra como por exemplo: O município de Menongue completa cem anos de existência, para não ser: “o Menongue completa cem anos de existência. Outro exemplo: “ a cidade de Mavinga é conhecida pelos seus furiosos elefantes”.

Podemos propor outra forma de descobrir se um topónimo é feminino ou masculino perguntando ao nosso interlocutor onde se encontra e, por exemplo, as respostas serão: “estou em, no, ou na”. Quando se diz “estou em” dá-nos a entender que o nome e/ou topónimo não é regido por artigo. Quando se diz “estou no” dá-nos a entender que o nome e/ou topónimo é regido por artigo definido masculino. E quando se diz “estou na” dá-nos a entender que o nome e/ou topónimo é regido por artigo definido feminino. Nos exemplos abaixo:

“Estou na Lunda-sul”; neste caso, podemos começar uma frase da seguinte maneira: “A Lunda-sul é uma província diamantífera”.

“Estou em Menongue”; “Menongue é a capital do Cuando Cubango”.

“Estou no Cuito Cuanavale”; “O Cuito Cuanavale é o município heróico do Cuando Cubango”.

Os topónimos, em análise, representam na sua maioria hidrotopónimos que são ou indicam nomes de acidentes hidrográficos: água, rio, ribeirão, lago, lagoa, vale etc. Como exemplos estão os hidrotopónimos (Quando Cubango ou Kwandu Kuvangu ou Kwandu Okavango, Cuito Cuanavale ou Kwitu Kwanavale, Cutato ou Kutatu, Cuchi ou Kutyi, Luengue ou Lwenge, Luiana, Cutuilo ou Kutuilo), alguns indicam o nome da vegetação predominante em abundância no local e, por isso, tomam o nome de “Fitotopónimos” por exemplo (Calai ou Kalay, Vissati ou Visaty, Mucusso ou Mbukushu e Xamavera).

Títulos e dignidades atribuídos a nomes próprios particulares “Axiotopónimos” (Menongue ou Vunonge, Senje ou Sendye).

Nomes relacionados com elementos étnicos individuais ou não: povos, castas, tribos “Etnotopónimos” (Dirico ou Diriku, Cuangar ou Kwangare).

Nomes próprios de pessoas individuais ou colectivas “Antrotopónimos” (Menongue ou Mwene Vunonge).

Nomes de animais “Zootopónimos” (Mavengue, Mavenge).

Nomes de formas topográficas “Geomorfotopónimos” (Maué, Mavué).

3.5. METODOLOGIA DA RECOLHA DOS TOPÓNIMOS E GENTÍLICOS

Na recolha dos topónimos e respectivos gentílicos dos municípios e comunas da província do “Cuando Cubango”, para atingirmos os nossos objectivos, recorreremos a métodos qualitativos e descritivos; recorreremos à recolha de dados preexistentes (dados documentais provenientes de instituições e de organismos públicos e privados) e efectuámos também várias entrevistas.

De entre os vários tipos de entrevista, nos diferentes contextos (individual, telefónica, em grupo, também chamada de entrevista de “Focus group”, de painel, através das TIC, a entrevista não estruturada, semi-estruturada, estruturada), para o nosso trabalho, utilizamos com maior frequência a entrevista individual, a de “Focus group” e algumas vezes recorreremos à entrevista telefónica e através das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Através da entrevista individual e de “Focus group” obtivemos informações sobre a história dos topónimos já descritos nos capítulos anteriores, a sua essência e procuramos também saber se anteriormente possuíam outras denominações. Como características da entrevista, tivemos interlocutores válidos não pelo nível de escolaridade, uma vez que as nossas línguas eram ágrafas; a fonte oral foi muita valiosa através de entrevista com autoridades tradicionais como sobas, regedores, reis, seculos, anciões, escritores locais; a investigação dos seus escritos incidiu na história e cultura da região em questão; entrevistámos também administradores

comunais e municipais de (Menongue, Serpa Pinto ou Vunonge, Cuchi ou Kutyi, Calai ou Kalay, Cuangar ou Kwangare, Dirico ou Diriku, Xamavera, Tuny, Mucusso ou Mbukushu, Cuito Cuanavale ou Kwitu Kwanavale, Mavinga, Rivungo ou Rivungu, Nancova ou Lyankova, Missombo ou Misombo, Caiundo ou Kayundu e outras localidades). Recolhemos também informações junto de Vice-Governadores e de serviços técnicos e para a área social.

Na recolha de dados preexistentes, obviamente com os inconvenientes deste método, achamos que o nosso trabalho aquando da validação pelo especialista, irá servir de piloto para muitas administrações, sejam comunais ou municipais, porquanto notamos carência quase total nos sectores de direito por nós visitados. Tivemos dificuldades nas repartições municipais e comunais da Administração do Território da província do “Quando Cubango, Kwandu Kuvangu ou Kwandu Okavango” para que pudéssemos ter acesso a alguns documentos ou mapas toponímicos actuais e antigos.

3.6. PROPOSTA DE HARMONIZAÇÃO DA GRAFIA DOS TOPÓNIMOS

Para a província do “Quando Cubango” noventa e nove por cento dos topónimos, isto é, nomes dos municípios e da própria província foram alterados. Vejamos o quadro:

Topónimos			
Forma actual	Designação antiga	Alterado ou não	Proposta de grafia
Cuando Cubango	-	Alterado	Kwandu Kuvangu
Menongue	Vunonge, Serpa Pinto	Alterado	Vunonge
Dirico	-	Alterado	Diriku

Mucusso	Mbukushu	Alterado	Mbukushu, ou Mbukusu
Xamavera	-	Não alterado	Xamavera
Cuchi	Mbonge ya Kandyema, Vila Nova de Sagres	Alterado	Kutyi
Sendye	-	Não alterado	Sendye
Cutato	-	Alterado	Kutatu
Vissati	Mwila	Alterado	Visaty Mwila
Cuangular	-	Alterado	Kwangare
Lupire	-	-	-
Calai	-	Alterado	Kalay
Longa	-	-	-
Maué	Mavué	Alterado	Mavué
Baixo Longa	-	-	-
Mavengue	-	Alterado	Mavenge
Mavinga	-	Não alterado	Mavinga
Cunjamba – Dima	-	Alterado	Kunjamba - Ndimá
Cutuilo	-	Alterado	Kutwilo
Luengue	-	Alterado	Lwenge
Luiana	-	Não alterado	Luiana
Chipundo	-	Alterado	Tyipundo, ou Cipundo
Rito	Litu	Alterado	Litu
Cuito Cuanavale	-	Alterado	Kwitu Kwanavale
Tuni	Tuni	Não alterado	-

Tabela de Topónimos

3.7. PROPOSTA DE HARMONIZAÇÃO DA GRAFIA DOS GENTÍLICOS

Para os gentílicos não temos muita dificuldade porquanto, no contexto das línguas do “Quando Cubango”, todos os gentílicos mantêm a forma de origem, bastando antepor o afixo *muka*. Assim temos:

“Muka” Kwandu Kuvangu : “muka” significa “pertence a” ; neste caso, a tradução literal é: “do Quando Cubango”. Mas o gentílico português é “Quando Cubanguense” .

3.7.1. No contexto da Língua Ngangela

muka Vunonge (de Menongue)
muka Diriku ou Rudíriku (do Dirico)
muka Mbukushu ou Kambukushu do Mucusso)
muka Kutyi (do Cuchi)
muka Kalay (do Calai)
muka Kwangare (do Cuangar)
Muka Kwitu Kwanavale (do Cuito Cuanavale)
muka Mavinga (de Mavinga)
muka Nankova (de Nancova)
muka Rivungu (do Rivungo)
muka Kayudu (do Caiundo)
muka Misombo (do Missombo)
muka Njamba Kweyo (de Jamba Cueio)
muka Kutato (do Cutato)
muka Tyinguanja ou Cinguanja (de Tchinguandja)
muka Visaty (do Vissati)
muka Longa (do Longa)
muka Bondo (do Bondo)
muka Savate (do Savate)
muka Xamavera (de Xamavera)
muka Sendye (do Sendye)

muka Ritu (de Rito)
muka Mavué (de Maué)
muka Mpili (do Lupire)
muka Kutuilo (de Cutuilo)
muka Lwenge (do Luengue)
Muka Luiana (de Luiana)
Muka Ngalange (de Galangue)
Muka Nerikinha (de Neriquinha)

3.7.2. No contexto da Língua Portuguesa

Cuando Cubango - Cuando Cubanguense
Menongue - Menonguense
Cuchi - Cuchiano
Calai - Calaino
Cuangar - Cuangareense
Mavinga - Mavinguense
Rivungo - Rivunguense
Dirico - Diriquino
Nancova - Nancovense
Cuito Cuanavale - Cuito Cuanavalense
Cueio - Cueio
Caiundo - Caiundense
Missombo - Missombuense
Mavengue - Mavenguense
Savate - Savatino
Bondo - Bondoense, Bondino
Cutato - Cutatense
Chinguandja - Chinguandjense
Vissati - Vissatino
Mucusso - Mucussuano
Xamavera - Xamaverense
Longa - Longuense

Lupire - Lupirense
 Dima - Dimense
 Cutuilo(e) - Cutuilense
 Luengue - Luenguense
 Rito - Rituense
 Luiana - Luianense
 Galangue - Galanguense
 Neiriquinha – Neriquiniano

3.8. BASE DE DADOS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA E GENTÍLICA

DOS MUNICÍPIOS E COMUNAS DOS CUANDO CUBANGO

Província	Língua	Topónimo	Transcrição Fonética	Proposta de grafia	Gentílico	Taxonomia
Cuando Cubango	Português	Cuando Cubango	'kuãdu ku'bãgu	Kwandu Kuvangu,	C. Cubanguense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Menongue	me'nõgə	Vunonge	Menonguense	Antro-Axiotopónimo
Cuando Cubango	Português	Dirico	dɪ'riku	Diriku	Diriquino	Etnotopónimo
Cuando Cubango	Português	Mucusso	mu'kusu	Mbukushu	Mucussuano	Fitotopónimo
Cuando Cubango	Português	Xamavera	ʃamɔ'vɛrɔ	Xamavera	Xamaverense	Fitotopónimo
Cuando Cubango	Português	Cuchi	'kuʃɪ	Kutyi	Cuchiano	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Senje	'sɛʒɐ	Sendye	Sendyense	Axiotopónimo
Cuando Cubango	Português	Cutato	ku'tatu	Kutatu	Cutatense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Vissati	vi'sati	Visaty	Vissatino	Fitotopónimo
Cuando Cubango	Português	Calai	kɔ'lai	Kalay	Calaino	Fitotopónimo
Cuando Cubango	Português	Cuangar	kwã'garɪ	Kwangare	Cuangareense	Etnotopónimo

Cuando Cubango	Português	Maué	mɔ'vwe	Mavwé	Maueno	Geomorfotopónimo
Cuando Cubango	Português	Mavengue	mɔ'vẽgɔ	Mavenge	Mavenguense	Zootopónimo
Cuando Cubango	Português	Mavinga	mɔ'vĩgɔ	Mavinga	Mavinguense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Jamba-Dima	'ʒãbɔ - 'dimɔ	Kunjamba-Dima	Jamba-Dimense	Zoo-hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Cutuile	ku'twilɔ	Kutwilo	Cutuilense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Luiana	lu'janɔ	Luyana	Luianense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Caiundo	kɔ'jũdu	Kayundu	Caiundense	Axiotopónimo
Cuando Cubango	Português	Chipundo	ʃi'pũdɔ	Tyipundo	Chipunduense	Ecotopónimo
Cuando Cubango	Português	Luengue	'lwẽgɔ	Lwenge	Luenguense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Missombo	mi'sõbɔ	Misombo	Missombuense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Cuito Cuanavale	'kwitu kwɔnɔ'val	Kwitu Kwanavale	Cuito Cuanavalense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Rito	'Ritu	Litu	Lituense	Antrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Tuni	'tuni	Tuni	Tuniano	Antrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Bondo	'bõdɔ	Mbondó	Bondino, Bonduense	Fitotopónimo
Cuando Cubango	Português	Savate	sa'vate	Savate	Savatino	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Caíla	ka'ila	Kaíla	Kailense	Geomorfotopónimo
Cuando Cubango	Português	Lupire	lu'pirɔ	Lupili	Lupireense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Longa	'lõga	Longa	Longuense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Baixo Longa	'baɪʃu 'lõga	Baixo Longa	Baixo Longuense	Geomorfohidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Rivungo	Ri'vũgu	Rivungu	Rivunguense	Hidrotopónimo
Cuando Cubango	Português	Nancova	nã'kovɔ	Nankova, Lyankova	Nancovense	Axiotopónimo

Tabela - Base de Dados Lexicográfico-Toponímica e Gentílica

Concebemos uma base de dados constituída por oito campos: o primeiro destaca a província em estudo na dissertação, o segundo campo destaca a língua em que os topónimos estão escritos, o terceiro campo indica os próprios topónimos, o quarto campo indica a transcrição fonética dos topónimos em Língua Portuguesa, o quinto campo indica a proposta ortográfica dos topónimos nos seus contextos, o sexto campo mostra os gentílicos dos respectivos topónimos em Língua Portuguesa, o sétimo e último indica a taxonomia dos topónimos.

Foram inseridos vinte e quatro topónimos na base de dados e como manifestamos o desejo de continuarmos nesta senda de investigação, quando for validada, pensamos que vai constituir um campo aberto para a inserção de outros topónimos a serem estudados num futuro muito próximo.

3.8.1. CONCEPÇÃO E UTILIDADE DA BASE DE DADOS

No périplo que efectuamos pelos municípios e comunas da província do “Quando Cubango”, notamos uma grande ausência de informação ou de dados relativos ao ordenamento do território no que toca à toponímia.

Por isso, concebemos esta base de dados que pode ser útil para todas as administrações municipais e comunas da província do “Quando Cubango” e abrir uma nova era para a informação e actualização de dados no “Ordenamento do Território”¹⁷ da província supra citada, em particular, e de Angola, em geral.

¹⁷ Órgão do Ministério da Administração do Território vocacionado à divisão político-administrativa do país.

4. CONCLUSÃO

Fazer uma proposta de grafia para os topónimos, não é fazer uma revolução, mas sim, no nosso caso, é ir ao encontro da génese dos nomes, do povo, das tradições, enfim, da identidade cultural dos povos. Encontramo-nos numa época em que as “línguas angolanas de origem africana” já não são ágrafas pelo que podemos agora grafar os topónimos com base no alfabeto criado para as línguas angolanas de origem africana, conservando assim a nível da escrita, pronúncia e forma, o verdadeiro sentido que representam.

É comum ouvirmos pessoas de todos os países, de todas as províncias, de todos os municípios, de todas as comunas e aldeias que não as nossas, a serem chamados pelos seus gentílicos; mas no nosso caso, chegamos a encontrar pessoas que desconhecem os seus próprios gentílicos, na língua oficial (veicular) portuguesa. Por vezes, entidades como administradores e outros também desconhecem os gentílicos. Uma coisa é certa, onde existe um topónimo ao seu lado existe um gentílico; por isso, a nossa preocupação foi identificar todos os gentílicos possíveis em Língua Portuguesa, porque a maioria das pessoas dominam apenas os gentílicos na língua autóctone.

Sabemos que mudar radicalmente um topónimo seria a mesma coisa que mudar o nosso bilhete de identidade com grandes consequências, como por exemplo, a mudar a nossa assinatura em transacções bancárias e noutros serviços; mas é possível, a longo prazo, introduzir os topónimos propostos e validados.

Por conseguinte, é necessário que as entidades de direito do Ordenamento do Território façam cumprir o que a dita “Declaração Universal dos Direitos Linguísticos”, na sua secção III (Onomástica); claramente revela o direito que todas as comunidades linguísticas têm a ”preservar e usar em todos os domínios e ocasiões o seu sistema onomástico, a fazer uso dos topónimos na língua própria do território, tanto o que respeita às utilizações orais e escritas, como nos domínios privados, públicos e oficiais, a fixar, preservar e rever a toponímia autóctone. Esta não pode ser suprimida, alterada ou adaptada arbitrariamente, nem pode ser substituída em caso de

mudança de conjuntura política ou outras. Também têm direito a designarem-se a si próprias na sua língua. Consequentemente qualquer tradução deve evitar denominações confusas ou pejorativas”.

Ao MAT (Ministério da Administração do Território) recomendamos que a partir destes trabalhos realizados sobre toponímia aproveite as bases de dados validadas pelos especialistas para a constituição de um Banco de Dados¹⁸ sobre a toponímia angolana. A mesma instituição deve experimentar mapas com os topónimos propostos e validados para, posteriormente, começar a introduzi-los nas instituições oficiais, académicas ou outras.

¹⁸ Conjunto de bases de dados.

5. BIBLIOGRAFIA

5.1. BIBLIOGRAFIA GERAL

ARIAS, Garcia Lluís de Xosé (1995) “*Academia de la Lengua Asturiana*”.

CARITA, Cruz de Fernando (2003) “*A Cidade e sua Toponímia*”, Edições Colibri.

CARVALHINHOS, Patrícia (2004) “*O Encanto dos Nomes: Toponímia, Antroponímia em nomes em geral*”.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1988) *Toponímia e Cultura*, São Paulo, Revista do Instituto de Estudos V. de P. do A Brasileiros, v. 26, pp. 83-92.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1990) “*A Motivação Toponímica e a realidade brasileira*”. São Paulo: Edições Arquivo do Estado.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1992) *Toponímia e Antroponímia do Brasil*, Colectânea de Estudos, São Paulo, Gráfica da FLCH/USP.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1996) *A dinâmica dos nomes na Cidade de São Paulo*, São Paulo, Annablume.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (2001) “O Sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência” in: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecido Negri (Orgs.), *As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, São Paulo, UFMS, Vol. II, pp. 79-90. 2ª Edição.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (2007) “Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II”, Paraná, UNIOESTE, in *Revista Trama*, v. 3, nº 5, pp 141-155.

ECO, Humberto. “*Como se faz uma tese em Ciências Humanas*” Editorial *Presença*”. 17ª Edição

ESTÊVÃO, José. “*Nomes Pátrios e Gentílicos*” S.D

FERNANDEZ, Cuevas de Olga (1997) *Material de Toponímia*.

FERREIRA, Carlos (2013) *Geografia e Toponímia*, Âncora Editora.

GUTHRIE, Malcolm (1970) *The Status of Radical Extensions in Bantu*, London, Gregg International Publishes in collected papers on Bantu linguistics, p. 91-110.

HALLIDAY, M. A. K.; TEUBERT, Wolfgang; YALLOP, Colin; ČERMÁKOVÁ, Ana (2004) *Lexicology and Corpus Linguistics*, London/New York, Continuum.

ISQUERDO, Aparecida N. DARGEL, A. P. P. (2014) “Hidronímia e toponímia: interinfluências entre meio ambiente e história” In: Aparecida Negri ISQUERDO, Giselle O. M. CORNO. (Orgs.) *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, São Paulo, UFMS, Vol. VII, p. 63-80. 1ª Edição.

ISQUERDO, Aparecida Negri (2009) “O Caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras” In RIBEIRO, Silvana S. C. *et ali* (orgs.) *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*, Salvador, EDUFBA, p. 42-59.

ISQUERDO, Aparecida Negri & ALVES, Ieda Maria (orgs.) (2007) *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, São Paulo, Editorial Humanitas. Vol. III. 1ª Edição.

ISQUERDO, Aparecida Negri (2006) “De Laguna de los Xarayes a Pantanal: mito e realidade impressos na Toponímia” In: Maria Cândida Trindade Costa de SEABRA. (Org.), *O léxico em estudo*, Belo Horizonte, UFMG, p. 119-135.

KATIVA, Bernardo (2012) “*Pérola Etno - Antropológica dos Ngangela*”.

LEGRÁ, G. V. (2007) *La toponímia como objeto de interpretación ambiental*,

Villa Clara, Universidad Pedagógica Félix Varela. [Disponível em: <http://www.villaclara.cu/UserFiles/File/Portal%20prov./infolegam/2>

LILUNGA, Gabriel António (1980) *O elemento gramatical da língua nacional Ngangela*.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (1979) “Importância de uma Lexicologia contrastiva”, *Letras Soltas* 1, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (1984) “Análise léxico-semântica”, *Letras Soltas* 2, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (em col.) CHICUNA, Alexandre; GRÔS, Ana Pita e MEDINA, Daniel (2010) “Neologia, Terminologia e Lexicultura. A língua Portuguesa em situação contacto de línguas”, São Paulo, *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, Nº 12 (2).

MARQUES, J. R. (1950) *História e toponímia: desvendar o passado é construir um futuro melhor*. Cuiabá: Ed. do Autor.

MARQUES, Ricardo Emília Maria (1979) “*Letras Soltas*” (Núcleo de Estudos de Linguística Contrastiva, Secção de Línguas e Literaturas Modernas). UNL/FCSH

MOTA, Teixeira. (1950) *Topónimos de Origem Portuguesa na Costa Ocidental de África, desde o Cabo Bojador ao Cabo de Santa Caterina*, Bissau.

MENONGUE, Diocese [D.L. 2000]. *O Mundo Cultural dos Ngangela*, (Porto: - Humbertipo).

NDALA, Rafael Afonso (2004) “*Remígio de vozes do Kwandu Kuvangu*”, Luanda

NDALA, Rafael Afonso (2014) *As lágrimas escrevem—Vangangela Muhotolo*, Luanda.

NTONDO, Zavoni (2002) *Angola povos e línguas*, Editorial Nzila

NTONDO, Zavoni (2006) *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*, Luanda

NTONDO, Zavoni (2011) *A Contribuição para uma Normalização da Toponímia Angolana*, S.E/.

NUNES, Ramalho Verónica. *Levantamento dos topónimos e produção de fichas lexicográfico-toponímicas dos municípios da região do bico do papagaio, estado do tocantins*. S.D

PINTO, Serpa da Rocha Alberto Alexandre (1881) *Como eu atravessei África, parte I: A carabina d'El Rei*. Edições vercial, baseada na edição de 1881, por José Barbosa Machado.

PINTO, Serpa da Rocha Alberto Alexandre. *Como eu atravessei África, Parte II: A Família Coillard*, Edições vercial Braga, 2010 – 2012

ROSTAING, C. (1961) *Les noms de Lieux*. Paris, Presses Universitaires de France.

SILVA, Félix Janine, Rosa Maria de Lima Ribeiro. *Mbwela e Bantuísmos no Brasil*..

SIQUEIRA, Kénia M. Freitas (2011) *Estudo Toponímico: Âmbitos e Perspectivas*.

TAVARES, Cassuci Marineide, “*A Questão da Estrutura Morfológica dos Topónimos: Um Estudo na Toponímia Sul-Mato-Grossense*” S.D

VASCONCELLOS, Leite José (1931) “*Onomatologia, Opúsculos*” Vol. III, Coimbra, Imprensa da Universidade.

YAMBO, Xavier Francisco. “*Dossier Ngangela – Motivo suficiente para um estudo científico da etnonímia angolana*” S.D

5.2. Dicionários e Gramáticas

Dicionário integral de Língua Portuguesa. “*Novos vocábulos antroponímicos, toponímicos e estrangeirismos*” (2014), Texto Editores

Dicionário da Língua Portuguesa (2014), Porto Editora.

PEREIRA, Adriano (1990) “*Dicionário Glossográfico e Toponímico da Documentação Portuguesa sobre Angola*”. 1990

RAPOSO, Paiva Gonzalo Eduardo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria António Coelho da Mota, Elisa Segura, Amália Mendes (2013) “*Gramática do Português*”. Vol. I & II, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian.

5.3. Jornais

Semanário Angolense, “*O processo de assimilação colonial negou as nossas línguas*” 20 de Setembro de 2014

Club – K. net “*A guerra dos topónimos: finalmente foi um tímido passo*”. Por Luciano Canhanga. 22 de Fevereiro de 2014.

5.4. Documentos

Grupo técnico da comissão multisectorial para a harmonização da ortografia da toponímia da divisão político-administrativa de Angola. “*Relatório Final*”. Janeiro de 2003/04

6. ANEXOS



Figura 1 Placa- Bem-vindos a Menongue



Figura 2 Placa Caiundo, Savate e Caíla



Figura 3 Placa EN 280



Figura 4 Placa EN 140



Figura 5 Placa EN140 e EN280



Figura 6 Okavango River



Figura 7 Placa sede do Jamba Cueio 37 km

